

AÍDEIA NACIONAL

REVISTA MONARCHICA SEMANAL ILLUSTRADA ·
POLITICA · ARTE · LITTERATURA · MODAS ·
ELEGANCIAS · SPORT · ESCRITORIOS · PRAÇA
LUIZ DE CAMÕES, 46 · LISBOA · · · · ·

JOÃO DO AMARAL
REDACTOR EM CHEFE

HOMEM CHRISTO FILHO

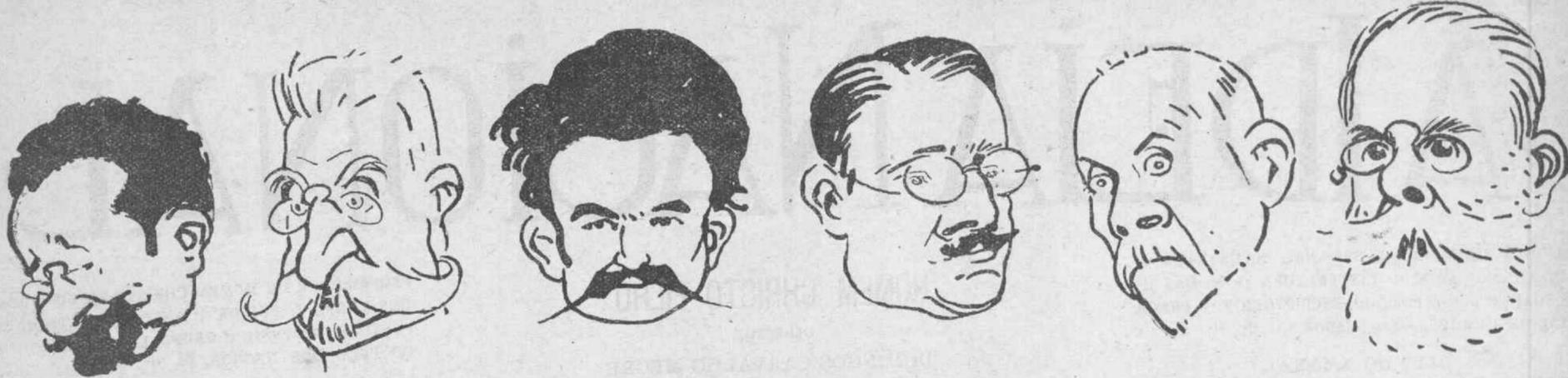
DIRECTOR
DOMINGOS CARVALHO MEGRE
GERENTE

PROPRIEDADE DE HOMEM CHRISTO FILHO E DOMINGOS MEGRE · EDITOR · ANTONIO COSTA · COMPOSTO E IMPRESSO · GRUPO LINOTYPISTA · RUA DO POÇO DOS NEGROS, 81 · · · · ·

JOSÉ PACHECO
REDACTOR ARTISTICO



ISSO É MUITO CARO, MEU AMIGO!...



Disciplina militar

Ha dias, um soldado, n'uma tourada do Campo Pequeno, esquecendo o respeito que devia á sua farda, saltou para a arena e tentou pegar o touro, que, não estando pelos ajustes, o atirou a terra, rebolando-o na areia da pista.

Como no dia seguinte alguns jornaes da manhã noticiassem o caso, o nosso collega O Dia commentou-o, em termos que só podiam ser considerados demasiado benevolos. Pois tanto bastou para que o orgão democratico desembestasse contra aquelle nosso collega, bolsando injurias sobre os monarchicos de cujo odio ao povo e ao exercito o protesto d'O Dia era mais um symptoma.

Vejam os leitores serenamente, sem paixão, a que estado de horrorosa morbidez mental chegaram os homens que governam este paiz: ao passo que, em qualquer nação do mundo, um soldado que assim desrespeitasse a sua farda seria immediatamente preso e rigorosamente castigado, como mandam a disciplina e os regulamentos militares, sem que ninguém se atrevesse a proferir uma palavra em sua defeza, em Portugal, pelo contrario, e sob este regimen ideal, não só se não castigou o militar imprudente, não só se defende e justifica plenamente a sua proeza em jornaes com responsabilidades politicas, como se leva a audacia e a desvergonha até ao ponto de injuriar e apontar á vingança popular como inimigo do povo e do exercito, quem, em nome da disciplina, do brio e honra militares offendidos, pede providencias contra tão escandaloso procedimento.

Em Patria! Como se este sentimento nobilissimo pudesse encontrar abrigo em almas de villões e esta palavra santa pudesse ser proferida, sem profanação, por quem não tem feito outra coisa senão semear o odio e incitar ao crime contra as mais lidimas glorias nacionaes.

Ainda a proposito do caso do Campo Pequeno publicou A Capital uma nota na qual, depois de pretender justificar o procedimento do soldado-forçado, pergunta o que dirão os monarchicos d'um militar que se apresentou fardado na estação do Rocio a despedir-se do sr. ministro da Alemanha quando este abandonou o nosso paiz. Confessamos que ignoravamos esse facto e não sabemos nem de perto nem de longe qual foi o soldado que assim procedeu. Mas fosse quem fosse, a sua attitude incorrectissima merecia e merece castigo exemplar e immediato. Não temos dois criterios de disciplina nem dois criterios de justiça. Todos os actos da natureza d'aquelles a que nos estamos referindo precisam ser punidos severamente, hoje mais do que nunca. Assim o exige o mais elemental conceito de disciplina militar, condição essencial de vida na paz e de victoria na guerra.

H. C. F.

Casos da semana

A MORTE DO DR. FRANCISCO MARTINS

A Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, enlucada ainda ha pouco pela morte de Carlos de Mesquita, acaba agora de perder um dos seus mais brilhantes e illustres professores: o Doutor Francisco Martins, que foi lente da extincta Faculdade de Theologia.

Apesar de todos os seus defeitos, a velha Universidade de Coimbra é ainda de certo modo á representante das nossas tradições mentaes; a Ideia Nacional não pôde, por isso, deixar de acompanhá-la nas perdas dolorosas que vem soffrendo, primeiro com a demissão do sabio professor Guilherme Mo-

reira, depois com a morte de Marnoco e Sousa e Carlos de Mesquita e agora com o subito desaparecimento de Francisco Martins, orador e theologo eruditissimo.

VICTORIAS PORTUGUEZAS

Telegrammas recebidos de Moçambique e tornados publicos pelo governo portuguez, deram-nos a noticia de que, n'alguns recontros entre as nossas tropas e as allemãs, Portugal obteve uma pequena mas gloriosa victoria. Este facto não pôde deixar de orgulhar-nos; por esse motivo felicitamos o governo e enviamos aos nossos valentes colonias as mais commovidas saudações.

PRIMAVERA, GIOVENTU DELL'ANNO...

Manon, voici le soleil,
C'est le printemps, c'est l'éveil!
C'est l'Amour maître des choses...

Mas ai! já não é Eros, é Marte quem ha dois annos, entre gritos de morte, força os homens á consummação integral do seu destino, glorioso ou miseravel...

Comtudo, o céu tem risos na pupilla azulissima e uma ternura de faunos, esparsa, envolve e segue esta mulher que passa, namorando-lhe a carne amanhecendo sob a neblina tenue dos estofos...

Revista da imprensa

«A CAPITAL» E SIR EDWARD GREY

Interpellado na Camara dos Communs sobre se Portugal tambem firmára o pacto de Londres, compromettendo-se a não assignar a paz isoladamente, sir Edward Grey respondeu negativamente. Porquê? Por isso não ser necessario, visto que a intervenção de Portugal na guerra europeia é regulada pelas clausulas da alliança luso-britannica.

A Capital não concorda com a resposta, allegando que a Russia, alliada da França, nem por isso delegou n'esta a conducta da sua gestão e defeza diplomaticas. A Capital termina os seus magoados commentarios, chamando para o caso a attenção do governo.

Concordamos em que as palavras do ministro inglez devem merecer as profundas meditações do governo. Mas pensamos tambem que melhor seria não denunciar publicamente o mau-humor que os processos da nossa fiel alliada provocaram agora na redacção da Capital...

OLIVEIRA MARTINS

o nosso eminente collaborador Senhor Conselheiro Dom Luiz de Castro julgou azado recordar, no seu memoravel discurso de 9 de maio, «que em agosto de 1648 a Monarchia Portugueza restaurada do dominio hespanhol, retomava ao estrangeiro, pela mão gloriosa de Salvador Correia, no tempo de Dom João IV, avô d'El-Rei, essa mesma Angola que desde então ficou nossa.»

A relembração d'esta realidade historica parece não ter sido agradável a certos lumináres da imprensa republicana que logo se apressaram a recortar, do livro O Brazil e as colonias portuguezas, aquelle trecho em que Oliveira Martins condemna a politica seguida pelo Restaurador no curso da revolta pernambucana de 1644. Oliveira Martins accusa o rei de abandonar Pernambuco para salvar a India. Era um erro? Não era! Nós o demonstraremos se a ignorancia republicana insistir sobre o assumpto. Mas ainda que fosse, esse erro commetteu-se em 1644, quando a Monarchia Portugueza não conseguira ainda libertar o continente da dominação hespanhola e quanto todo o nosso vasto imperio colonial estava nas mãos do estrangeiro. Bem nos parece que, em semelhante conjectura, as forças politicas e militares da Realza não podiam concentrar-se todas na solução do problema pernambucano. A lucta heroica de todas as horas e de todos os momentos, sustentada pelo povo dos conselhos e conduzida pelo Rei,

em prol da independencia nacional, durou o melhor de vinte longos annos! A iliada pernambucana, que foi um incidente n'essa gloriosa e vasta epopeia, teve o seu desfecho em 1654; a historia mostra-nos que a Monarchia Portugueza não estivera, entretanto, ociosa...

Aproveitamos apenas o ensejo para notarmos uma dolorosa e repetida coincidência; referimo-nos ao facto de os adversarios da realza brigantina se escudarem n'aquelle mesmo Oliveira Martins cuja obra de negação e scepticismo diariamente fornece argumentos aos adversarios da nacionalidade portugueza. Os ultimos livros de Gay e Segalerva, as campanhas da tribuna e da imprensa hespanhola, apparecem peçadas de trechos que Oliveira Martins escreveu para negar, simultaneamente, o valor da nossa Raça e o esforço dos nossos Reis. Oliveira Martins tornou-se, infelizmente para a sua grande memoria, o mestre predilecto de todos os estrangeiros que, dentro e fóra do paiz, mais ou menos conscientemente trabalham para a sua ruina.

Os ultimos livros

«A QUESTÃO IBERICA»

Conteem-se n'este livro algumas notaveis conferencias pronunciadas na Liga Naval por Vasco de Carvalho, Antonio Sardinha, Hippolito Raposo, José Pequeto Rebello, Xavier Cordeiro, Freitas Branco e Ruy Ulrich. Ellas constituem o contributo intellectual que estes nobres cultores da Verdade Monarchica offereceram á sagrada defeza da Patria. Lel-as e medita-las é o dever urgente de todos os portuguezes que desejem fortalecer o seu amor pela Nação e a sua fé nos altos destinos da nossa terra.

«NO CAHOS DA IDEIA» versos por Caetano Pereira

Caetano Pereira surge agora para o sacerdocio da Belleza. A sua mocidade, que nós sabemos errando na visinhança lyrica de choupos e mondágides, não tem ainda o dominio do ritmo nem conhece por vezes certos esphyngicos segredos da linguagem; sentem-se fraquezas, torturas e ingenuidades de infancia, n'esta sua demanda febril em cata do Ideal. Entendemos, porém, que mau grado os seus defeitos, vale mais este tentame promissor do que os versos de muitos grandes-homens que a mentalidade vulgar já consagrou.

Por isso Caetano Pereira nos mereceu, o que a raros succede, estas palavras de applauso e sympathia.

«SOMBRA E CINZAS» por Dona Lu-thegarda de Cairés

O novo livro da distincta poetisa é a logica sequencia da sua obra já vasta e justamente apreciada.

Além d'estes volumes recebemos e agradecemos os seguintes livros: Pensamentos de João de Deus, pelo Visconde de Messines; A' lá minute, por Armando Ferreira; e Cantigas da nossa terra, versos do distincto poeta João Maria Ferreira com musica do conceituado musicographo Thomaz Borba.

Para o governo ler

O CINEMATOGRAPHO, OU O HESPA-NHOL SEM MESTRE

Sr. presidente do ministerio:—Não queremos roubar-lhe um tempo precioso. Mas conceda-nos V. Ex.ª, durante o naco de tempo que lhe tomamos, a sua attenção preciosissima:

E' o caso que na maioria dos cinematographos de Lisboa, apparecem escriptas em

hespanhol a maior parte das legendas e disticos dos films. Embora a imprensa republicana teime em affirmar que nós outros, realistas, preferimos o dominio de Affonso XIII ao predomínio de Affonso Costa, confessamos a V. Ex.ª que nos desagrada profundamente, que nos revolta e nos indigna, esta lenta invasão d'um idioma estrangeiro ou melhor este livre exercicio d'uma arma d'avant-guerre. Se nós estivessemos nas vespersas d'um novo 1580, talvez se comprehendessemos uma tão habil maneira de aprendermos o hespanhol sem mestre... Mas nós não estamos, nós não queremos estar, nas vespersas d'um novo 1580. E por isso impetramos respeitosamente de V. Ex.ª, sr. presidente do ministerio, que se digne impôr aos empregarios dos cines de Lisboa a obrigação urgente de fazerem traduzir em portuguez as legendas e disticos dos films. Supponmos que V. Ex.ª não encolherá os hombros ante a necessidade e a urgencia de semelhante imposição. Esta aprendizagem forçada do castelhano é a vergonha de uma cidade-capital como Lisboa. V. Ex.ª deve lembrar aos senhores empregarios que nós temos uma linguagem nossa e que, para uso interno, não carecemos ainda das extranhas.

Até outro dia, sr. presidente do ministerio.

Prata da casa

VIDA AGRICOLA

Além das chronicas do sr. Conselheiro Dom Luiz de Castro e dos consultorios de agronomia e veterinaria respectivamente a cargo dos srs. Dom Manuel de Bragança, engenheiro-agronomo e Alberto Saraiva Monteiro, medico-veterinario, A Ideia Nacional conta com a collaboração effectiva do sr. Olympio Pires, antigo e illustre funcionario da secção de instituições economicas e sociaes do Instituto Internacional de Agricultura de Roma, que na nossa secção Vida Agricola tratará dos problemas de economia social que com ella se relacionem. Consequimos tambem a collaboração effectiva d'um dos mais illustres agronomos portuguezes que, sob o pseudonymo de Stad, principia já n'este numero da Ideia Nacional a responder a consultas sobre viticultura.

Julgamos desnecessario insistir na affirmação de que estes nossos collaboradores, bem como todos aquelles que escrevem sobre assumptos de caracter strictamente profissional, nada tem com a orientação politica da revista.

D. ALICE REY COLLAÇO

A pagina a côres do nosso proximo numero será assignada pelo nome, já glorioso, entre artistas, da Senhora Dona Alice Rey Collaço. Raros são os que a conhecem como pintora embora todos tenham sentido já, em recitaveis de canto, a sedução da sua voz melancolica e doce. Mas esta nova faceta da sua complexa individualidade artistica nem é menos brilhante nem menos digna de renome.

A Ideia Nacional honra-se com poder, brevemente, demonstral-o.

CONDE DE MONSARAZ

Somos obrigados a transferir para o proximo numero a publicação d'um bello artigo d'este nosso eminente collaborador, intitulado A grande embriaguez.

Pela mesma razão da falta de espaço não publicamos, entre outros originaes, a secção A Politica, de João do Amaral, e o estudo de Antonio Sardinha annunciado no nosso ultimo numero.

ALFREDO PIMENTA

Foi notabilissima a ultima conferencia pronunciada na Liga Naval por Alfredo Pimenta. A Missão da Geração Nova será brevemente publicada em edição d'A Ideia Nacional.

AOS MONARCHICOS PORTUGUEZES

Uma carta particular de João d'Azevedo Coutinho

O director d'A *Ideia Nacional* acaba de receber de João d'Azevedo Coutinho, o heroico e glorioso official a quem esta Patria deve tão grandes serviços, a nobilissima carta que a seguir publicamos e que tem tanto mais valor quanto é certo que se trata d'uma carta particular escripta com aquelle accento de profunda sinceridade e simplicidade que só se encontra nos documentos intimos.

João de Azevedo Coutinho não esperava certamente, ao traçar as linhas que vão lêr-se, que ellas viessem a ser tornadas publicas, pois queria simplesmente testemunhar ao nosso director e aos seus companheiros de trabalho a sua solidariedade com a attitudo patriótica seguida por esta Revista desde a primeira hora do seu reaparecimento.

Causaram-nos as palavras do illustre official, em que se revela a sua grande alma de Portuguez, tão grande alegria, que resolvemos tomar a responsabilidade da sua publicação, certos de que prestamos assim um valioso serviço á Causa Monarchica, e que, por esse motivo, o nosso digno e querido amigo perdoará e applaudirá até a nossa iniciativa.

Meditem todos os Portuguezes, e especialmente os monarchicos, o magnifico exemplo de Azevedo Coutinho que, excluido pelo decreto de amnistia, perseguido e exilado, posto de parte pelo governo republicano que recusou o offerecimento da sua espada gloriosa para a defeza da Patria, não hesita apesar de tudo isso em declarar, n'uma carta intima, que *devemos calar ressentimentos, olvidar injurias, agravos, soffrimentos e injustiças, por agora, e ter em vista unica e exclusivamente o futuro e o nome de Portugal, procurando assegurar um e levantar o outro bem alto!*

Só quem conhece os bastidores da politica portugueza poderá avaliar quanto vale, por parte de João d'Azevedo Coutinho, esta expontanea demonstração de amor á Patria e de obediencia ao Rei de quem foi Logar-Tenente. De todos os heroismos por elle praticados a prol do *commum e aproveytança da Terra*, este de vencer o seu orgulho tantas vezes maguado, não é certamente o menos digno do profundo, do eterno reconhecimento de todos os portuguezes.

Desde a hora em que se proclamou a republica o illustre e valoroso official viu os desastres a que ella ia arrastar este paiz e poz-se incondicionalmente ás ordens de El-Rei. Só quem, como nós, o acompanhou no exilio durante cinco annos pode avaliar da extraordinaria dedicação patriótica, do formidavel esforço de Azevedo Coutinho em prol da Causa Monarchica. A sua Fé inabalavel, a sua resistencia physica, a pureza dos seus propositos deram-lhe sempre força para resistir de cabeça levantada,

Villa Luciole—St. Jean de Luz

Homem Christo Filho

15 de Maio de 1916

Lisboa

Meu querido amigo:

Primeiro que tudo deixe-me agradecer-lhe a amabilissima remessa da "*Ideia Nacional*," que tanto vem amenisar e interessar as minhas tristes horas de ocio d'este exilio tão amargo.

E feito o agradecimento, permitta-me que lhe envie e aos seus companheiros de trabalho, as mais vivas felicitações pelo successo jornalístico que ella representa e pela orientação e caminho que vão trilhando. Hoje, perante a guerra e o inimigo externo, não podem, diz bem a "*Ideia Nacional*," existir senão portuguezes e todos promptos ao sacrificio, ao SUPREMO, quando chegue o momento, pela gloria e felicidade da Patria. El-Rei assim o indica e nós (como eu faço) devemos calar resentimentos, olvidar injurias, agravos, soffrimentos e injustiças, por agora, e ter em vista, unica e exclusivamente, o futuro e o nome de Portugal, procurando assegurar um e levantar o outro bem alto.

Eu agora não quero vêr senão portuguezes, embora tenha razão para sentir que nem todos os que teem responsabilidades n'esse paiz, sabem pensar da mesma fôrma! Que os monarchicos deem a nota da nobreza e de alevantado patriotismo e que esqueçam... o resto. A mim custa-me muito ficar de braços cruzados, quando sei que tantos antigos camaradas e tantos novos irão arriscar a vida! O meu coração, o meu espirito estão com elles... Os meus cumprimentos aos seus collegas, os meus respeitos a Sua Ex.^{ma} Mulher, Minha Senhora, e para si um abraço de seu

Amigo grato e certo,

João de A. Coutinho

Chegará esta ás suas mãos? Faltam tantas!

sem um momento de abatimento ou de desanimo, a todos os revezes, a todas as contrariedades e a todas as ingratições.

Tão heroico soldado como nobre e leal Conselheiro, João de Azevedo Coutinho é uma das mais lidimas glorias nacionaes, um d'aquelles Portuguezes cujo exemplo as gerações novas devem meditar e seguir.

A carta que hoje publicamos é mais uma prova da sua nobreza moral e do seu entranhado patriotismo. Apesar da republica o ter deixado criminosamente no exilio e lhe ter feito a affronta de recusar o concurso da sua espada, elle não tem, mesmo nas cartas intimas para os seus amigos, uma palavra de recriminações ou de vingança. Da sua bocca apenas sahem exhortações e incitamentos patrióticos nos quaes transparece a sua grande magua por não poder acompa-

nhar os antigos camaradas e os rapazes que vão morrer no campo de batalha.

Apesar de tantas e tão eloquentes provas de dedicação patriótica não tem faltado e não faltará quem lance suspeitas sobre a lealdade do lealissimo soldado. Para esses miseraveis reptis que vivem da diffamação e da calumnia só ha uma resposta digna de nós: é o desprezo, o desprezo consciente, sentido, profundo, desprezo feito muito da certeza da nossa superioridade e do nojo que inspiram as almas nascidas e creadas no lodo dos pantanos.

Leiam e meditem os monarchicos portuguezes a carta particular que ahi fica e que, abusando talvez da muita confiança que depositamos na benevolente amizade do exilado de S. Jean de Luz, o director da *Ideia Nacional* resolveu publicar sem auctorisação do seu signata-

rio. E' mais um documento formidavel em favor dos monarchicos e que contrasta singularmente com as palavras de odio, vingança, incitamento á desordem e ao attentado pessoal que pejam as columnas das gazetas republicanas.

Ah! Por mais que elles queiram misturar, confundir, amalgamar o diamante com o estanho não ha fusão possivel. Tenhamos a coragem de não descer até elles e fiquemos sósinhos a dar o exemplo da abnegação e do patriotismo já que elles não são capazes de subir até nós.

A *Ideia Nacional* e com ella todos os monarchicos portuguezes saudam em João de Azevedo Coutinho o militar heroico e esforçado, coberto de medalhas que são as cicatrizes dos seus ferimentos recebidos em campanha, o Conselheiro intelligente e dedicado, o amigo de El-Rei, o grande defensor da Patria!

Conselheiro Luiz de Magalhães

Publicamos adiante um artigo do sr. conselheiro Luiz de Magalhães intitulado *Políticos*. Temol-o em nossas mãos ha já bastantes dias, sendo-nos até agora impossivel dar-lhe publicidade no logar de destaque que lhe competia. As palavras do nosso eminente collaborador não perderam, porém, a oportunidade e a todo o tempo devem ser meditadas as justas considerações que faz sobre os vicios de que enfermava, já antes do 5 d'outubro, a politica constitucional.

VARIA

FERNANDO DA BULGARIA EM CHANTILLY

O barão de Baye refere, a respeito de Fernando da Bulgaria, duas curiosas aneddotas, ouvidas de um de seus primos. Ambos teem por scenario Chantilly.

Fernando da Bulgaria almoçava na residencia do tio, o duque de Aumale, o qual pergunta ao sobrinho:

—«E' a chave do teu cofre esse objecto enorme que pende da tua corrente de relógio?»

—«Não, respondeu Fernando, é a chave do Oriente».

Outra vez, deixando Chantilly, Fernando tinha na boléia do seu carro, ao lado do cocheiro, um homem robusto, de uniforme, armado de pistolas e punhaes.

O primo do barão de Baye disse, sorrindo:

—«O principe tem um homem solido á sua disposição; é, sem duvida, um bulgaro...»

—«Não, respondeu Fernando. Não tenho confiança nos bulgaros; esse homem é albanez».

POLITICOS

POR

LUIZ DE MAGALHÃES

Para combater a Republica não tinha ambições a satisfazer, nem estímulos de gratidão a incitar-me.

O Rei fôra para mim um adversario, o maior e talvez o menos leal de todos.

(Sr. Julio de Vilhena : ANTES DA REPUBLICA.)

(Das citações da Imprensa)

AINDA não li o livro do sr. Julio de Vilhena. Não sei mesmo se chegarei a lê-lo. Ha tantas obras recentes, e d'um superior e elevado interesse, que me ficam para traz, por falta de tempo para na sua leitura me absorver, que não me será estranhavel o renunciar a occupar-me d'aquellas em que, á parte os meritos do auctor, se denunciavam, desde as primeiras palavras, propositos e sentimentos d'um estricto character personalista.

Não li, pois, o livro. Mas li varios trechos, que os jornaes publicaram. E, para o ponto de vista d'este artigo—isso me basta : *ex digito, gigas*.

Ora, d'esses trechos, ficou-me, ácerca da obra, esta impressão : é que ella não é, como o seu auctor lhe chama, uma auto-biographia, mas sim, a sua flagrante e insuspeita auto-photographia politica. E o sr. Julio de Vilhena, fornecendo-nos, n'essas paginas, o *cliché* da sua individualidade de homem publico, prestou, a quem venha a fazer a historia dos ultimos annos da monarchia representativa, um inestimavel serviço : deu-lhe o modelo, o typo do politico egoista e ambicioso, para quem a vida publica não é o campo da honra da acção civica, mas um *stadium* onde se disputam os premios, que estimulam o interesse, ou as corôas, que seduzem a vaidade.

O sr. Julio de Vilhena categorisa-se como o *representative-man* d'essa damnhina raça politica, cujo egotismo, cujo amor-proprio, cujas velleidades dominadoras, cujo impeto arrivista, cujas mesquinhas vaidades rebaixaram o nivel da nossa vida publica e prepararam a atmospherica que tornou possivel o successo de 5 d'outubro

Para os homens publicos d'essa especie, o mobil supremo da politica não é o dever, não é o patriotismo estreme, capaz de todas as renuncias, não é o impulso d'uma convicção ou d'uma fé, não é, mesmo, a aspiração d'uma bella e nobre *elegancia moral*. O que os leva á politica é a seducção do poder, a gloriola d'uma supremacia social, a consagração das situações officiaes e os lucros das benesses respectivas—o logar e o ordenado, a venera e o provento, a pasta e a posta. A Patria, e o Rei que a personifica, servem-se pelo interesse que nos conferem ou pelo sorriso que nos dispensam. Não queremos mais do que o que já fruimos? Deixam de nos sorrir familiarmente os labios reaes? Podemos pôr ponto na nossa carreira politica, abandonar o serviço da Patria nas suas horas mais criticas e angustiosas, deixal-a entregue, sem protesto, aos nossos adversarios, — e voltar costas ao Soberano, perante quem, na vespera, nos curvamos palacianamente, para d'elle virmos fallar em publico, com grosseira irreverencia n'uma adulação indirecta aos que hoje dominam e mandam...

Note-se. Eu não contesto ao sr. Julio de Vilhena, como não contesto a nenhum homem publico, o direito de dei-

zar bem definidas, perante a historia, a sua acção e o seu papel politicos na epocha em que viveu, o direito de esclarecer os seus actos, de explanar os seus propositos, de revelar os seus pensamentos e planos de estadista. Uma obra assim, sincera, leal e discreta, pôde ser mesmo proveitosa e util, pelas lições da experiencia e pelo exemplo moral que em si contenha. Tão pouco defendo e prescrevo a subservencia cortezã nas relações dos politicos com o Chefe d'Estado,— pois mal do conselheiro da Corôa que não diz ao Monarcha a verdade toda, núa e crúa, que lhe occulta os seus pensamentos, lhe disfarça os seus juizos, e mal do Monarcha a quem, por calculo ou pusilanimidade, os seus ministros mantêm em ignorancia ou illusão sobre os negocios do Estado e os successos da politica!

Uma coisa é, porém, dizermos da nossa justiça, outra amesquinharos, diminuirmos os nossos contemporaneos para nos elevarmos a nós, e denegrirmos o regimen, que servimos, para captarmos a indulgencia dos nossos adversarios triumphantes. Uma coisa é fallar ao Rei, na intimidade do conselho, com hombridade e desassombro, outra fallar em publico do Rei, com acrimonia, com desacato e até com indelicada zombaria.

Mas, se tudo na historia se explica, em ultima analyse, pela psychologia dos politicos e das massas humanas, este caso do sr. Julio de Vilhena dará, como atraz observei, ao historiador futuro d'estes confusos e revoltos tempos, a explicação da grande crise em que nos debatemos e cujas causas e determinantes *vinham já de longe*, como o lucido espirito de El-Rei D. Carlos reconheceria n'um documento que ficou celebre.

Foi o predominio de *psychologias* como a do sr. Julio de Vilhena, na politica dos ultimos annos da Monarchia, que lhe minou os alicerces moraes e a deixou desamparada na hora do perigo. Se os politicos pensassem menos em si e mais na causa publica; se não fossem as suas ambições o unico estimulante da sua actividade; se vissem apenas, na pessoa do Rei, não o homem, que elle como deixa de ser, desde que é invertido na sua alta e impessoal magistratura symbolica, mas a Instituição suprema e fundamental que representa e encarna; se elles comprehendessem o dever pelo dever; se tão sómente os determinasse o espirito do civismo, com a força d'um imperativo categorico, sem o designio reservado do reconhecimento do Soberano ou da gratidão nacional,— a revolução republicana teria indefinidamente ficado na incubação das conspirações e, se tentasse explodir, não passaria d'outro 31 de Janeiro, abafado em breves horas, apenas com um pouco de firmeza, de energia e de serenidade.

E amanhã, restabelecida esta, por uma necessidade organica da vida nacional,—ai d'ella, ai sobretudo d'esta pobre Patria, se a psychologia dos seus homens publicos não variar, se, para elles, a Patria e o Rei só se devam servir por aquelles motivos que o sr. Julio de Vilhena confessa terem sido os que o impulsionaram e determinaram na sua longa vida politica!

Mas a revolução teve uma vantagem : joeirou os homens. Ella foi a pedra de toque do character dos velhos politicos e dos que vinham despontando já para a vida publica. Os que se retrahiram, os que se conformaram, os que se calaram, os que, na hora do perigo e da lucta, se *emboscaram* covardemente, os que se foram virando para o sol que nasce e adheriram sem pudor, cuspidos insultos na bandeira que na vespera serviam e perseguindo os seus correligionarios de hontem,— todos esses se marcaram a si mesmos com um stygma de vileza e anteciparam, elles proprios, a sua irradiação das fileiras monarchicas, depurando e saneando uma comunidade onde não eram mais do que ovelhas gafadas, que só podiam contaminar e macular o rebanho...

LUIZ DE MAGALHÃES

MUSICA

CARTAS

A UM

COMPOSITOR CELEBRE

POR

RUY COELHO

MESTRE : Ha talvez já um anno que um bello dia fui abordado por um meu camarada compositor que me acabava de arranjar um pequeno trabalho em que teria occasião de embolsar uns pequenos lucros. Tratava-se de eu fazer a instrumentação d'uma pequena obra, d'um joven compositor, que seria executada n'uma das orquestras domingueiras. Accedi, e combiná-mos um *rendez-vous* para eu tomar conhecimento da obra e do auctor, Antonio Frago, que eu não conhecia nem de nome.

Assim foi : Encontrámo-nos todos n'uma loja de musicas da baixa.

Feitos os cumprimentos do estylo, o rapaz que apresentava ter menos de vinte annos, o Antonio Frago, sentou-se ao piano e tocou-me a sua *Petite suite*. Eu atalhei com estas palavras : Oiga lá você? Lá no Conservatorio nunca lhe disseram que você era um talento?

O rapaz ficou azabumbado com a pergunta e respondeu qualquer coisa indecisa, propria d'um rapaz da provincia que desde pequeno ouviu falar nos jornaes, dos grandes nomes portuguezes que realçam a patria, os genios, os talentos e os heroes da musica que dirigem escolas, fazem conferencias, compõem, os triumphadores, que são... nada, zeros felizes.

Era, pois, timido, o Antonio Frago quando eu o conheci n'aquella tarde, ainda ha pouco vindo do norte.

Depois continuámos a conversa, e eu fui-lhe dizendo, que apesar de precisar muitissimo de vintens, não podia fazer a orchestração da obra, por ser ella uma obra para piano, e não pensada na orchestra.

Elle que é musico, comprehendeu-me logo, e eu desde então comecei a distinguil-o de toda essa turba de «caixeiros da arte» que por ahi se dizem artistas. Era a primeira vez que no meu paiz encontrava um authentic talento musical, purissimo, e cheio de fé. Sobretudo uma das coisas que mais me encantavam, era observar que esse rapaz, como todos os artistas aos 20 annos, não sabia aonde ia a força das suas aptidões musicas. E por isso é que elle ficava sempre desconfiado com as minhas palavras insistentes : «Você é um talento», e nunca me respondeu : «Bem sei».

Ora ha dias, na terça-feira, 16 de maio, elle fez a primeira audição publica, das suas composições, no salão da Academia de Amadores de Musica. O programma abria com uma sonata para piano.

Esta obra affirma tudo quanto venho de dizer, mas não deixa de ser a obra que é : A Sonata d'um rapaz de talento, aos 18 annos. E a elle eu lhe disse, que o piano sendo o melhor instrumento para um compositor, pode tornar-se o peor.

Ahi estão os Tansig, e outros quejandos a dar-me razão. E' preciso cautela, para se não cahir nas «palhadas sem expressão». Tambem é preciso saber-se, que coisas ha que se não adivinham, sem pensar muito n'ellas, muitos annos; por exemplo, a plastica da Fôrma em relação á plastica expressiva. Isto não tem a Sonata, estabelecendo por conseguinte que tanto pode chamar-se «Sonata» como «Suite» sendo até menos errado chamar-se-lhe «Suite». Com o trio, que nos fez tambem ouvir, dá-se o mesmissimo caso.

Precisa pois este rapaz de tres coisas.

1.^a—Estudar, estudar, estudar sempre, e sentir-se sempre mais avido de conhecimentos que digam respeito á sua arte.

2.^a—Deixal-o á solta. Que ninguem se intrometta com elle.

3.^a—Não dar ouvidos.

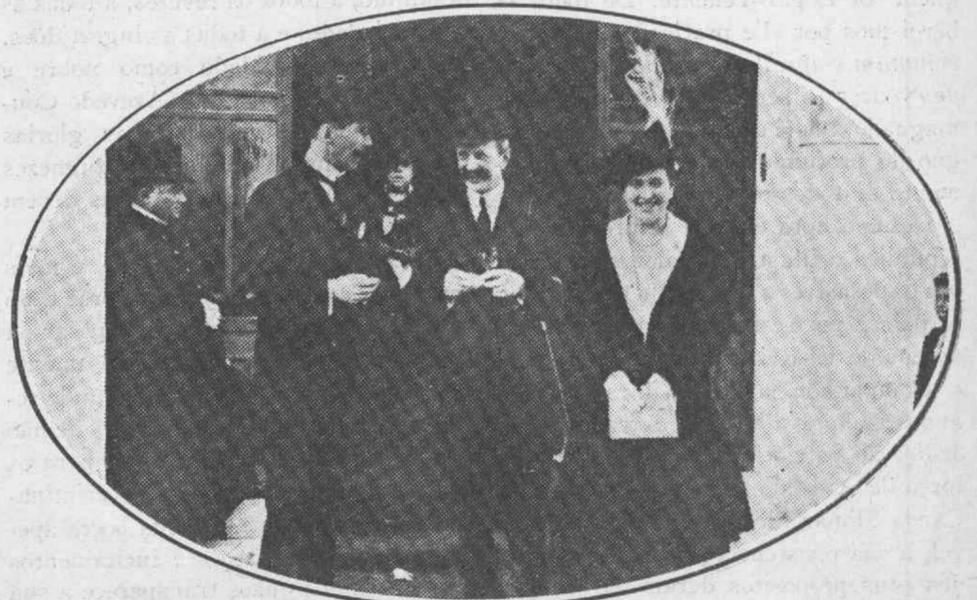
E como é um «predestinado» elle será o primeiro a sentir durante a sua vida, a realidade d'estas minhas palavras.

Agora outro assumpto. Quando é que o querido Mestre me manda a partitura? Sabe uma coisa boa? Sempre é certo poder realizar o que me disse.

E' todo um anno de trabalho tranquillo que poderei realizar. Até que emfim posso pensar sómente na minha arte, bem longe de atmospherias mediocres, dissolventes.

Saudades do seu discipulo

RUY COELHO



VISITA A EXPOSIÇÃO DE BELLAS ARTES—Os srs. ministros de Inglaterra e da França saíram mais cedo...



ASPECTOS DA GUERRA

POR
M. AMARAL
(TENENTE DE ARTILHARIA)

Entra a America no conflicto europeu?

UMA PALESTRA—AS AVENTURAS DE UM JORNALISTA—A GUERRA SUBMARINA—A EUROPA E A DOCTRINA DE MONROE—OS NOVOS MILLIONARIOS—QUEM PAGA O JANTAR DA PAZ?

O desejo de refrescarmos os pulmões com um pouco de ar puro, levou-nos ha dias a passar uma tarde no Mont'Estoril. Era um domingo e a Companhia dos Caminhos de Ferro fornecia um rapido que nos depunha na Riviera Portuguesa, precisamente á hora em que ao nosso estomago saberiam bem os confortos d'um copioso almoço.

Fomos. E quando duas horas depois sahiamos a porta do hotel premeditando uma boa digestão n'um passeio tranquillo atravez as ruas floridas de Monte, um automovel deslizando subtil pela estrada e parando de subito ao portão prendeu-nos o olhar no pittoresco amontoado de vestidos claros e veus azues que o enchiam.

Um bando de senhoras saltando lepidas sobre o passeio, encheu de ruido e de vida a tranquillidade do hall. Dois sujeitos de bonnet e cachimbo trocaram rapidas palavras com o chauffeur. Um d'elles volta-se para o nosso lado.

—Tiens!... Philomeno...
—Oh!... Nazelli!

Era o nosso amigo, o nosso excellente amigo Nazelli, jornalista distincto, com quem traváramos conhecimento ha annos no tedio de uma viagem monotona pela Amazonas.

Viajante intrepido, jornalista perspicaz e negociante habil, Nazelli já n'essa occasião percorrera palmo a palmo meio mundo, e ia do Pará, onde embarcára, para Manaus onde nos destinavamos, no intuito de emprender uma viagem pelo Rio Negro a que o levavam tres fins: o de negociar fazendas da casa de que era representante, o de escrever algumas impressões de viagem para o jornal de que era collaborador e o de colher informações sobre a fauna brasileira, para a Sociedade Scientifica de que era socio correspondente.

D'uma vivissima intelligencia, com um feitto pratico a que o seu espirito aventureiro fornecia recursos para todas as contingencias por mais difficeis que fossem, de uma erudição que lhe permittia discutir todos os assumptos dando sobre elles, se não opiniões profundas, ao menos opiniões fundamentadas, Nazelli fôra para nós um delicioso companheiro de viagem, que da sua conversação scintillante nos deixára as mais agradaveis recordações.

Hoje, tivemos occasião de o constatar depois. Nazelli perdeu um pouco d'aquella sinceridade e boa disposição de espirito, que o fazia encarar risonhamente todas as difficuldades e todos os aborrecimentos.

A viagem pelo Rio Negro deu-lhe uma doença de fígado que se traduz de vez em quando por accessos de melancholia. Viagens que depois fez pelo resto do mundo que lhe faltava palmilhar deram-lhe um pouco de cansaço.

Não é já o Nazelli de outros tempos que me repetia alegremente, encantado com a trouvaillé:

—Philomeno amigo... O Brazil é uma terra adoravel, onde todos mandam, ninguem obedece e tudo vae bem...

Ou então:
—Amigo Philomeno... Na sua vida não esqueça nunca este conceito profundo: Honrado... eu, e as pessoas que estão presentes... por delicadeza!
—Excelente Nazelli!...
—Com que alegria o abraçamos.
—De onde?... Para onde? perguntámos-lhe.

A nossa pergunta laconica, comprehendeu-a logo. Nazelli, quando é encontrado, acaba sempre de chegar de algum ponto distante do globo e destina-se em breve a outras regiões mais distantes ainda.
—Da America, por Inglaterra, França e Hespanha. Para o Cabo, pelo Mont'Estoril e Madeira, respondeu-nos.

ENTRA A AMERICA NA GUERRA?

—Impressões da America? pedimos. Entram os Estados Unidos no conflicto europeu?

Nazelli torceu o nariz com seus ares de duvida.

—Não creio... E' certo que nos tempos que vão correndo, tudo quanto é incrível é que é crível, e mais que nunca é justificado o *Credo quia absurdum*, que se attribue falsamente a Santo Agostinho, e cuja responsabilidade cabe talvez a Tertulliano.

—Mas, amigo Nazelli, os ultimos telegrammas fazem prever o rompimento. Wilson mostra-se renitente e o kaiser possivelmente não cederá á suspensão da guerra submarina.

—Olhe, Philomeno... No fundo o Kaiser desejará talvez um rompimento. Se a guerra entre os Estados Unidos e a Alemanha trazia para esta desvantagens graves, dar-lhe-hia, contudo, uma grande liberdade de acção para impedir a chegada á Europa de todos aquelles carregamentos de munições que os Estados Unidos fornecem aos exercitos alliados. Tivesse a Alemanha possibilidade de evitar as consequencias que o rompimento traria para os formidaveis interesses da formidavel colonia allemã das duas Americas e talvez o Kaiser não hesitasse.

—Mas Wilson deseja esse rompimento?

—Só as nações pequenas, pouco tendo a perder e tudo tendo a ganhar com o pórem-se ao lado da aliança contra os imperios centraes, podem desejar entrar na guerra. Todos os paizes que teem vida propria, que teem as suas industrias, que teem, enfim, modo de vida, se podem desejar aproveitar o que puderem do conflicto em que andam as grandes nações productoras e manter-se n'uma neutralidade benevola, que lhes permitta ir fornecendo do que possam aquelles dos belligerantes aos quaes possam fazer chegar os seus productos, sejam elles quaes forem. Mas Wilson tem, sobretudo, uma razão de ordem politica para não desejar intervir no conflicto.

—A doutrina de Monroe, não?

—Exactamente. A doutrina de Monroe é a base de toda a politica americana. Todas as nações das duas Americas a acceitam e a defendem. Mas, Philomeno amigo, é facil de comprehender que no dia em que os Estados Unidos intervissem no conflicto europeu, era um ar que dava á doutrina de Monroe. A contra-partida da America para os Americanos é naturalmente a não intervenção da America nos negocios europeus.

—E Wilson pensará realmente assim?

—E' natural... As suas sympathias devem estar do lado dos alliados. Os germa-

nophilos accusam-no de ser um americano de fresca data. Sua pae e sua mãe eram escocezes e a sua educação foi ingleza, sendo quasi sempre em Inglaterra que elle se fixava mais tempo quando vinha á Europa, mas isso não o impede de reconhecer as vantagens que lhe adveem da sua attitude de neutralidade benevola para com os allemães. A questão em si resume-se n'isto. A Inglaterra quer applicar á guerra submarina as regras do direito internacional anteriores aos submarinos. Os Estados Unidos reconhecem o submarino, como factor de combate, mas querem respeitados os direitos dos neutros.

—Isso parece razoavel.

—Parece e é. Mas, Philomeno amigo, o que ha de curioso n'isto é que foi a propria Inglaterra que forneceu á Alemanha o principal argumento a oppôr ás reclamações dos Estados Unidos. Estes reclamam o respeito pelos direitos dos neutros. E a Alemanha responde que está de accordo, desde que os outros belligerantes os reconheçam tambem. E os Estados Unidos engasgam-se um pouco, visto que a Inglaterra recusou antes da guerra, reconhecer e ratificar o accordo de Londres que garantia os direitos commerciaes dos neutros; por entender que esse accordo neutralizava de facto o estabelecimento d'um bloco maritimo.

—Em resumo: a Alemanha responde: *deixa passar os vossos navios levando munições aos alliados, mas deixem os alliados passar os vossos navios levando munições para nós.* Nunca mais acabava a guerra.

—Talvez acabasse, porque a America acabaria por ter em cada dos seus habitantes um millionario, e... não queria mais.

—Teem-se feito fortunas colossaes com a guerra.

—Phantasticas. Se para a Europa a guerra tem representado uma devastação sem nome, para os Estados Unidos tem-se traduzido n'uma prosperidade sem igual.

—Quer-me dizer que o numero de millonarios constitue hoje na America um exercito.

—Sim... Um verdadeiro exercito. N'um dos ultimos numeros d'um jornal americano vi eu que se citavam os nomes de 425 novos millonarios, tendo adquirido a sua fortuna desde o começo da guerra. Quantos mais haverá, nas mesmas condições, cujos nomes se ignoram?

—Lêmos em qualquer parte que houve uma companhia que deu de dividendo 50 %.

—Só?... E' das que deu menos. A fabrica de polvora de Du Pont tem fechados contractos no valor de mais de 200 mil contos, e em outubro passado deu aos accionistas um dividendo de 200 por cento, apesar de ter levado a fundo de reserva quantias fabulosas. N'essa fabrica ha operarios que chegam a ganhar 20 mil réis por dia, e as folhas de férias attingem mensalmente cerca de mil contos. A Bothlehem Steel Company, que era a rival de Krupp e de Creusé, calcula ter este anno lucros liquidos de cerca de 50 mil contos. Ahi tem o amigo um homem que já era millionario e que fica pôdre de rico: o director d'essa fabrica. Conheci-o ha annos n'uma viagem. Chama-se Schwall e recebe, além do seu ordenado, 10 por cento dos lucros liquidos.

—Não é mau...

Veja lá onde isso vae parar. A Carney's Paint, que fabricava polvora sem fumo, tem um lucro diario de cerca de cem contos e uma casa de Braekling fabrica por dia cerca

de 15.000 obuzes, o que lhe dá pouco mais ou menos um lucro diario de oiteita contos.

—Amigo Nazelli... isso talvez seja exagero!

—São algarismos citados nos jornaes americanos, estes que acabo de indicar-lhe.

—Comtudo o grande esforço que os alliados estão fazendo nos seus proprios paizes para o fabrico de munições deve ter diminuido muito as encomendas.

—Talvez... mas ainda fica muito panno para mangas. Comtudo nem todos ganham na America. Os açambarcadores de cavallos, por exemplo, teem-se farto de perder dinheiro.

—E' que esta guerra utiliza mais o cavallo lo-vapor que o cavallo de carne e osso.

—Nem todas as exportações augmentaram. E tanto que n'uma estatistica recentemente publicada vê-se que de setembro de 1914 a fins de maio de 1915 se exportaram munições de guerra, materias para fabrico de munições, geralmente textis, pelles, carnes, viveres e passagens em mar cerca de 800 milhões de dollars, que em igual periodo anterior. Em compensação as outras exportações diminuíram no mesmo periodo cerca de 400 milhões de dollars.

—Em todo o caso a differença a favor dos Estados Unidos é de cerca de quatrocentos mil contos.

—E'. Devo, porém, dizer-lhe que a diminuição nas outras exportações provem tambem em parte do augmento das outras. O exodo das povoações rurais para as cidades, onde existem as fabricas de munições, é espantoso. Cidades ha em que quasi duplicou em poucos mezes a população. Outras ha onde se sente já a falta de braços para a agricultura. Mas o augmento espantoso das outras produções justifica bem que seja a America quem pague o jantar da paz e que mande fazer um rico menu.

—O jantar da paz!...

—Sim, amigo Philomeno. A conclusão da paz mette sempre banquete, em que vencidos e vencedores, bebem ás prosperidades uns dos outros. Não conhece a scena da ceia com que findou a guerra franco-prussiana de 1870?

—Não...

—Eu lh'a conto. Bismarck na vespera do ultimo dia da guerra deu, n'um dos hotéis de Versailes, uma ceia em que tomaram parte varios generaes francezes. Por deferencia para com os seus convidados, o chanceler allemão dispuzera que o ultimo tiro da guerra fosse disparado pelos francezes. Pouco antes da meia noite, Bismarck e os seus convidados sahiram para o jardim do hotel e quando dava meia noite ouvia-se um tiro de canhão vindo das linhas allemãs. Respondeu-lhe um tiro de canhão disparado nas linhas francezas. Quando os relógios acabavam de dar meia noite, a guerra franco-prussiana passára... a passado.

—Mas isso foi uma excepção...

—Não é tanto assim. A primeira guerra boer acabou tambem por um banquete offerecido pelo general Créuge aos officiaes inglezes, banquete que ficou memoravel na Africa do Sul, onde a sobriedade dos boers é afamada e n'esse banquete soffreu duro golpe. Tambem foi um banquete offerecido pelo general Nogi ao estado maior russo o ultimo acto da guerra russo-japoneza, como foi n'uma merenda n'uma povoação do Estado de Virginia que terminou a guerra civil nos Estados Unidos. Antes de se sentarem á meza o general confederado Lee en-

INCORRIGIVEIS

POR

ALFREDO PIMENTA

tregou a sua espada a Grant, que lh'a restituiu cortezmente. Depois sentaram-se e comeram regando a refeição com excellente cidra.

—Pois, amigo Nazelli, o banquete da paz na guerra de agora deve custar uma continha callada...

—Pudera!... Basta que cada belligerante se faça representar por dois commensaes para que o jantar dê que fazer ao cosinheiro.

E como os companheiros de Nazelli o chamassem para o almoço, que o creado annunciava ir servir-se, o nosso excellente amigo despediu-se de nós com um grande abraço. Quando o tornaremos a vêr?

PHILOMENO

A situação militar

A semana ultima não foi assignalada por qualquer acção de importancia em nenhuma das frentes de lucta, na Europa.

Em toda a extensa linha que vem das dunas da Flandres até aos escarpados contrafortes da região de Belfort ha naturalmente locais de particular importancia tactica ou estrategica que os adversarios se obstinam em conquistar para si. E' por isso que o leitor vê inalteravelmente repetidos nos communicados officiaes os mesmos nomes como se em lugar de uma ininterrupta linha de trincheiras as tropas combatentes se agrupassem apenas n'aquelles locais.

Os ultimos boletins assignalam um ligeiro recrudescimento de actividade em Dixmude, pequenas acções em Vincy, ao sul de Lens, com vantagens para os inglezes, lucta intensa de minas em Argonne e no Woevre e a continuação do bombardeamento sistematico em ambas as margens do Mosna.

Na margem esquerda os allemães continuam insistindo sobre a cota 304 no sector de Avocourt e sobre Mort-Homme (265 e 295), as duas formidaveis posições que dominam esplendidamente o valle da ribeira de Forges. Uma vez forçado este portal, faceis caminhos os levariam por Esnes e Montseville até aos suaves declives em torno de Verdun.

Mas já os criticos militares annunciam que a relativa calma dos ultimos dias n'esta região é o prenuncio de novas surpresas, talvez na Champagne. Crêmos antes que o estado maior allemão proporciona n'este momento ás suas tropas de infantaria uns dias de repouso, para dentro de pouco novamente as lançar ao ataque.

Na frente italiana alguma actividade se regista sobretudo do lado austriaco: larga preparação pela artilharia em toda a frente e ataques simultaneos de infantaria em varios pontos das linhas. Os resultados para qualquer das partes teem sido com certeza insignificantes porque continuam sendo os mesmos os nomes das terras que marcam a linha de combate.

O que é digno de registo é a actividade dos aviões em qualquer das frentes franceza e italiana. E não se julgue que é por mero espirito de combatividade que constantemente se travam no espaço os duellos terribes entre aeronaves. O que de parte a parte se procura com afan é perscrutar os minimos movimentos das tropas do adversario, surprehendel-o n'uma falsa manobra, descobrir-lhe um ponto vulneravel na labyrinthica rede de trincheiras onde uns e outros se defendem.

Certamente um importante movimento de tropas que qualquer dos adversarios pudesse executar sem conhecimento do outro, poderia decidir da sorte da guerra.

E aqui está talvez o segredo da insolubidade do grande conflicto em que ha quasi dois annos a Europa se acha envolvida.

Na frente occidental muito pouco ha a registar de novidade.

Continua a ser a Armenia o theatro de lucta mais movimentado: os russos avançam a olhos vistos na direcção de Bagdad, acabando de tomar Revaudny, onde os turcos tinham concentrado forças importantes.

Uma vez estabelecida a ligação entre esta columna russa e as tropas inglezas vindas da India pelo golfo Persico, proseguirá o avanço até á Asia Menor e assim os alliaados acabarão de fechar por Salonica e pelo mar Egeu o circulo de ferro sob cuja pressão os imperios centraes terão de pedir a paz.

M. AMARAL
Tenente de Artilharia



No penultimo numero d'esta Revista, publicou o seu director um artigo que dá bem a nota justa da situação presente, no que se refere á attitude de parte da imprensa republicana para com os seus adversarios monarchicos. N'esse artigo, o seu auctor sublinhou o phenomeno e chamou-lhe politica de traição. Vale a pena encarar, sob outro ponto de vista, esse phenomeno, collocando-o no quadro logico das coisas nossas portuguezas. Parte da imprensa republicana, da imprensa com responsabilidades de governo, da imprensa que dá caracter ao regimen vigente, passa o tempo em lançar, permanentemente, suspeitas sobre os adversarios, em deturpar, permanentemente, as intenções dos adversarios, em envenenar os actos dos adversarios. Ou isso ou ess'outro não menos nefasto systema de provocar a discordia, o desintendimento entre os adversarios. Ha para ahi certos orgãos politicos que são, sob o ponto de vista doutrinario, educativo, politico, mental, a vergonha da terra portugueza. Mas não nos surprehe que assim seja, porque esses processos, esses modos-de-vida estão na massa do sangue da imprensa portugueza e constituem o seu unico recurso, a sua unica fonte de existencia. Esses jornalistas vieram ao mundo n'uma epoca de systematico negativismo, e formaram-se e crearam-se e medraram á custa de campanhas virulentas, e de processos intrigantes, sem outra preocupação que não fosse a de demonstrarem a sua habilidade na insinuação e no achincalho, na calumnia e no disparate. A politica de traição a que se referiu o director d'esta Revista, vem-se fazendo n'este desgraçado paiz ha um par de annos, cabendo á imprensa republicana a quota maior na responsabilidade do feito. O insulto e a injuria ninguem melhor do que essa imprensa republicana, a manejou e empregou. A Patria foi, sempre, pretexto para todas as campanhas. Mas a verdadeira razão d'essas campanhas foi, sempre, o despeito pessoal, a inveja, a ambição, a politiquice.

Não houve uma escola de jornalistas republicanos ou de politicos republicanos. O que houve foi uma escola de mal-creados e de inadaptados. Quanto mais mal-creado se era e se é, tanto mais facilmente se faz carreira triumphante. Nós sentimo-nos sempre deslocados, porque nunca foi do nosso feitio a *combatividade negativista* que leva sempre á *questão pessoal*, nunca constituiu nossa maneira de fazer politica, a *negação systematica* que leva sempre á *anarchia*.

Uma vez proclamado o regimen republicano, essa imprensa e esses jornalistas deviam metter-se em casa, porque se até ahi a sua funcção ainda podia ser aproveitada transitoriamente e momentaneamente, desde esse dia em diante, ella seria unica e exclusivamente nefasta, unica e exclusivamente perniciosa.

Uma vez proclamado o regimen republicano, essa imprensa e esses jornalistas deviam metter-se em casa, porque se até ahi a sua funcção ainda podia ser aproveitada transitoriamente e momentaneamente, desde esse dia em diante, ella seria unica e exclusivamente nefasta, unica e exclusivamente perniciosa.

A zona de acção do mal alastrou-se, porque taes jornaes e taes

jornalistas vinham agora falar, muitos d'elles, em nome do poder, todos elles em nome do Estado constituído. A leitura da quasi totalidade da imprensa do nosso paiz constitue, confesso-o amargamente, um veneno perigosissimo. E' necessario ter-se uma capacidade de resistencia enorme para se poder aguentar essa leitura durante longos periodos, sem o perigo de uma intoxicação fatal. E ninguem me tira da cabeça que o principal elemento de separação que caracteriza a sociedade portugueza, é o jornal politico republicano. Podemos fallar assim, nós que fomos, dentro da politica republicana, um elemento de aggregação e conservantismo, de construcção e aproveitamento de energias. Durante quatro annos fizemos a nossa campanha politica republicana, emquanto o sr. Leotte do Rego nos não demonstrou que tinhamos de optar ou por s. ex.* ou pela monarchia, pois que a Republica conservadora, racional, tolerante de Pimenta de Castro não podia sustentar-se perante as investidas aventureiros dos ambiciosos e arrivistas. Durante esses quatro annos, combatemos o chefe democratico, e nem uma só vez a nossa penna resvalou pela injuria ou uma palavra nossa attingiu a vida particular d'esse homem. Alguns artigos de combate ardente deixamos. Mas elles são bem poucos em comparação dos artigos doutrinaris, meramente organicos que escrevemos.

Servida, em geral, por creaturas, mentalmente, incultas, e, moralmente, sem escrupulos, essa imprensa não pensa nada nas consequencias immediatas da sua acção, tão cega anda com o effeito immediato que procura tirar. Ella vive no pavor da monarchia.

E na obsessão doentia que a amarfanha, ella esquece tudo, desde as conveniencias da Patria ás conveniencias da propria consciencia, desde a ordem publica á dignidade profissional e particular—para só se lembrar, como o toiro cego que se fascina pela capinha vermelha e não repara que por detraz d'ella está, disfarçado, o fastigador, do que vê, no momento, do que ouve, no momento, do que sente, no momento. Podia essa imprensa ter reparado já nas consequencias da sua obra que estão desgraçadamente bem patentes a todos. Mas não repara, é incapaz de reparar, porque é inculta e amoral.

Cem annos que viva, a constatar anno a anno o meu erro — nem por isso me enfurecerei, porque não tenho ambições nem a pretensão de impôr os meus juizos aos outros. E se a Republica fosse sustentando, que mais não seja a integridade nacional, não seria eu quem me ergueria contra ella, a accusal-a systematicamente, cegamente. Acima de tudo, vejo o meu paiz, vejo a Nação. E sinto que a minha vida tem, no conjun-

cto da vida historica da nação, um valor infinitesimal. A Nação é formada por todos. E se eu levar a anarchia a algum grupo vital da nação, se eu perverter qualquer elemento da vida da nação, eu sou um criminoso, eu faço, como disse o director d'esta Revista, obra de traição.

Quem percorrer a imprensa republicana e reparar nas suas campanhas — vê politiquice apenas. Os interesses nacionaes nada teem para ella.

A sua missão devia ser attractiva, tolerante, generosa, confiante e nobre; e é, afinal de contas, repulsiva, sectaria, avarenta, desconfiada e mesquinha. Nada poupa, nada respeita, nada acata

O facto não pode surprehender, mas alarma.

ALFREDO PIMENTA

COISAS DE NADA

POR

ANTONIO CARNEIRO

União Sagrada

Co'a nossa velha mania
D'importar tudo de França;
Desde as modas á poesia,
Desde a graça á phantasia,
Desde os vicios á creança.

Quando a guerra declarada,
Todo o povo portuguez
Julgou ser parte obrigada,
Fazer a União Sagrada
Tal como em França se fez.

O dr. Antonio Zé,
— Que foi o homem, talvez,
Que a defendeu com mais fé,—
Tinha por habito até,
Dizer a phrase em francez.

Com rasgos d'eloquencia
A soltou no parlamento;
Fez sobre ella uma conferencia
E não perdia o momento
De dizel-a em confidencia.

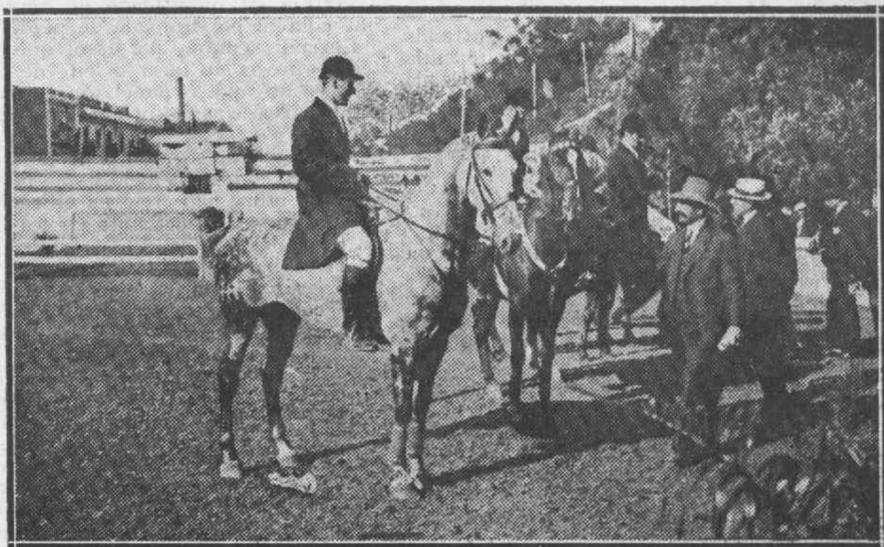
Agora, não sei porquê,
Da voz modifica o tom.
...E é força que algo se dê,
P'ra em vez d'Union Sacréé,
Dizer:—Sacréé Union!

ANTONIO CARNEIRO





NO HYPPODROMO DE PALHAVÃ



Minha senhora :

Palhavã tem sido um esplendido ponto de reunião ; como espectáculo, prefiro o Campo Pequeno ; era esta tambem a opinião expressa pelo saudoso Affonso da Maia ante o pasmo elegante do nosso Damaso. Os saltos nunca me despertaram grande entusiasmo ; este anno tinha, por acaso, um interesse especial em olhar a pista ; durou pouco tempo : o rapaz cuja sorte me prendia desistiu ante o segundo obstaculo ; isto fez-me tristeza ; porque na alma d'estes moços que só teem uma aspiração — saltar, a desistencia em plena Palhavã constitue decerto uma tragédia pavorosa.

Entre a numerosa assistencia, era escusado dizer-lhe que lá estavam o Gouvarinho e o Accacio (adversarios irreductiveis desde a adhesão do segundo, mas cada vez mais parecidos...) o Damaso, o Taveira, a Cohen gentilissima no seu *tailleur-boléro*, a baroneza, adoravel, toda em rendas, n'uma vaga theoria de neblina e carne, e, as mais que o João da Ega lhe dirá de cór.

Se eu quizesse agora polluir com o pó da capital essa verde e tranquilla quietação de Tormes ou não temesse accordar na alma da *Flôr da Murta* a piedade desdenhosa que sempre lhe mereceram estas mundanas e elegantes miudezas, contar-lhe-hia uma tragi-comedia de amor que a Palhavã recordará eternamente e que, segundo o verso do nosso velhissimo Alencar,

sempre dirá ás flôrsinhas
a inconfidencia da brisa...



Passou-se o caso entre o Craft e o Cohen, por motivos d'aquella pérfida Esther que o Ega conheceu... Occulto-lhe a genése e os melhores episodios do conflicto ; a sua sensibilidade achál-os-hia, por certo, *déçoutants*... Dir-lhe-hei apenas que, a certa altura, o Cohen ergueu a bengala, uma bengala de castão de chifre para castigar a insolente petulancia de Craft. Foi um pasmo na assistencia. Todos ficaram suspensos e até o cavallo do Souzellas, que até então fizera um esplendido percurso, se negou subitamente, cuspiendo o montador e deixando-o escarranchado no obstaculo. Mas o susto durou pouco tempo, porque o Craft, vendo o Cohen avançar prompto a feril-o com o castão de chifre da bengala, embrulhou um cigarro tranquillamente, e disse-lhe com muita solitudine : — «Cuidado, Cohen ! Olhe que parte o chifre...»

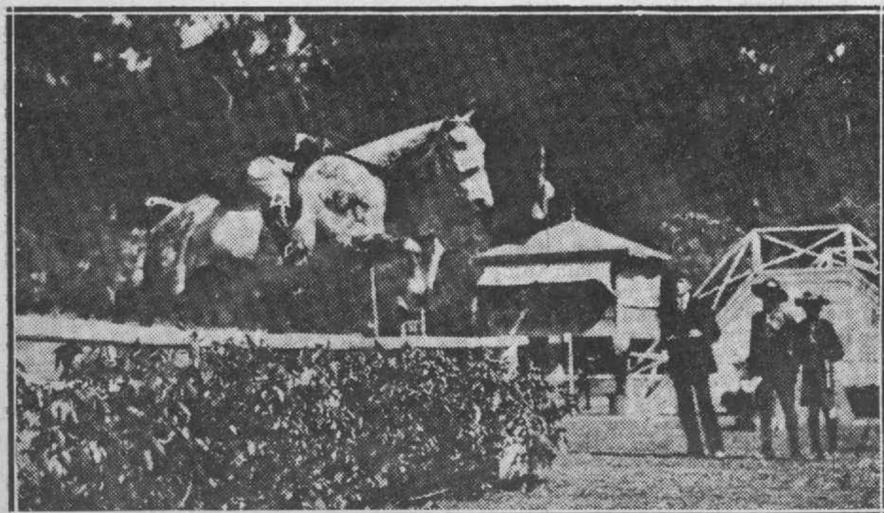
O mais engraçado foi que o banqueiro se deixou impressionar pela advertencia e desistiu da aggressão.

Até outra vez, minha senhora ; beijo as suas mãos e recomende-me ao Ega.

JOSÉ FERNANDO

1) A's trez horas da tarde, vimol-as entrar... 2) Os premios da prova inaugural passam deante da objectiva... e da gloria! 3) O Senhor Ministro da America conversa com o Senhor Duque de Palmella. Fallam da guerra... 4) Um salto glorioso. 5) Outro aspecto da assistencia.

(Clichés Franco & Benoiel)



VIDA AGRICOLA

Consultorio de agronomia

Defeza da vinha contra o mildio e o oidio

CONSULTA :

VENHO pedir-lhe um conselho sobre a sulfatagem.

Como sabe a formula classica da calda era 2 kilos de sulfato de cobre, 1 kilo de cal virgem e 100 litros d'agua.

Appareceu o anno passado o Belford com uma formula muito economica, dizendo que salvára as suas vinhas do mildio com 250 gr. de sulfato de cobre, 35 gr. de cal e 100 litros d'agua.

Consta-me que, embora não tenham chegado a este extremo, alguns viticultores teem usado as formulas em que, entrando o sulfato de cobre por metade da formula classica, e ás vezes por menos, a dóze da cal varia muito.

Um lavrador sei eu que experimentou com bom resultado (?) a seguinte formula :

- 80 litros de agua
1 kilo de sulfato de cobre
500 grammas de cal

Isto, salvo erro, dá para cem litros d'agua 1,250, 625 grammas de cal.

Alguem me diz que um kilo de sulfato de cobre bastará para cem litros d'agua, mas que a cal deve ser em muito menor dóze para que a calda seja mais acida.

Eu deseo fazer algumas experiencias este anno em pontos pequenos, mas gostaria de empregar para a parte principal da vinha, uma formula que me desse garantias de segurança e que visto o alto preço do sulfato, eu estimaria que pudesse ser de mehos custo do que aquella a que chamo classica.

Que me aconselha como formula de segurança?

Que experiencias suppõe que mereçam a pena fazer-se?

RESPOSTA :

A formula a que o illustre consulente chama classica, contem, para a generalidade dos casos, uma excessiva quantidade de sul-

fato (2 %), pois tenho observado que, salvo o caso de tratar-se de clima muito humido, ou de terreno muito humido humida, ou de tudo isto junto, é sufficiente 1 % de sulfato, e mesmo quando alguma d'aquellas circumstancias se realisa, basta ir até ao maximo de 1,5 %, desde que a calda seja bem feita e bem e em devido tempo sejam feitos os devidos tratamentos. E pelo que respeita á quantidade de cal é, a meu vêr, um enorme erro prescrever quantidade %, visto como tal producto não é uno, antes a sua composição varia extraordinariamente e portanto nunca se pode ter a certeza da quantidade de neutralisante que contem por unidade de peso.

Entendi sempre, por isso, que nada há tão seguro como fazer o leite de cal e applical-o até que o papel tournesol ou carminol virem e assim nos digam a iniludível verdade.

Refere-se em seguida a carta á formula entre nós conhecida pelo nome de Belford. Eu, por mim, não creio na efficacia de tal composição. É semelhante crença baseia-se no facto de a velha calda simples ter sido posta de parte por inefficaz, como eu proprio verifiquei muita vez, apesar de ser feita com maior quantidade de sulfato do que aquella. E igual inefficacia notei tambem, ha já annos, com o emprego de uma formula italiana igual á nossa Belford.

Por via dos meus estudos e experiencias, cheguei sempre á conclusão pratica de que tudo o que não seja percentagem de sulfato de 1 %, em calda bem feita, só dá resultado quando não houver condições favoraveis ao desenvolvimento do fungo, cujos ataques se desea prevenir. E, além d'isso, tem ainda essa formula o defeito de prescrever peso certo de cal a empregar.

Entretanto, só vejo vantagem em que cada um faça os seus ensaios comparativos prudente e cautelosamente, pois a tudo sobreleva a experiencia local, visto que infinitamente variaveis são as circumstancias mesologicas, resistencia de castas, etc.

Emquanto á variante, a que se refere a consulta, de 1 kg. de sulfato por 80 l. de agua, acho-a muito accetavel, desde que

a quantidade de cal não seja prefixa, mas vá sim até onde necessario seja para conseguir a neutralisação. Mas isto, desde que se trate de vinhedos plantados em meio onde seja bem facil a vida do microbio. Porque, não sendo assim, voto pela percentagem de 1 % apenas.

Deseja o illustre consulente indicação do que deverá constituir um tratamento normal e tambem d'aquillo que merecerá a pena ser experimentado.

A primeira parte está, como eu entendo, satisfeita, e resume-se no emprego, a tempo, da calda bem feita, sob a seguinte formula : sulfato, 1 kg. ; agua, 100 l. ; cal, q. s. para neutralisar.

E' esta a formula que durante muitos annos adoptei com decidida vantagem.

Tambem é muito boa e talvez um pouco melhor mesmo a seguinte : sulfato, 750 gr. ; agua, 80 l. ; cal, q. s. para neutralisar. E feita esta calda dissolvem-se 250 gr. de sulfato na quantidade d'agua necessaria para prefazer 100 litros.

Util é portanto que o progressivo consulente proceda ao seu estudo comparativo.

Com o intuito de reduzir o numero de tratamentos, sabe S. Ex.ª muito bem que se tem discutido nos ultimos tempos a questão da tensão superficial das caldas, bem como o seu grau de adherencia e poder molhante. E com o fim de lhes augmentar essas manifestas vantagens se tem indicado o emprego de varias substancias, como adjuvantes, taes como o melaço, coseina, gelatina, etc.

Ora, sendo as duas primeiras bastante dispendiosas, resta a gelatina. E esta sei eu que dá optimo resultado, porque assim me'o communicaram pessoas a quem a recomendei.

Feita a calda neutra ou acida, conforme fica indicado, batem-se muito bem 35 gr. de gelatina em 1 litro d'agua quente e juntam-se, agitando o conjunto durante a adição, aos 100 l. de calda.

E' de notar que se convem sempre applicar qualquer calda no dia em que se faz, esta só sentirá o seu melhor effeito se assim se praticar.

Ainda no campo da experiencia e do barteamento da cultura, lembro a calda mixta, que tão discutida tem sido, mas de que eu tirei durante annos de ensaio o mais animador resultado, empregando a seguinte formula :

- Agua..... 100 l.
Sulfato de cobre 1.000 gr.
Cal..... q. s. para neutralisar.
Enxofre..... 2.000 gr.

Para conseguir a calda em perfeitas condições procede-se da seguinte forma : Faz-se uma pasta de cal e agua que se estende sobre um taboleiro, peneira-se sobre ella o juntar enxofre, fique com cor homogenea ; quando estiver secca de mais, junta-se-lhe um pouco de agua e assim successivamente, até que se tenha encorporado todo o enxofre á massa de cal, que póde ser 1 ou 2 kilogrammas.

Feita esta pasta o mais homogenea possivel, por meio da amassadura (e n'isso está a perfeição da futura calda) dilue-se em agua como quando se faz o leite de cal vulgar e adiciona-se á solução do sulfato de cobre. Se depois de se ter applicado esta diluição a calda ainda accusar acidez, adiciona-se-lhe o leite de cal necessario para que fique neutra.

Durante estas adições e ao encher os pulverisadores é indispensavel agitar activamente a calda.

Os resultados d'esta calda são : maior adherencia ; economia de 50 % na mão de obra dos tratamentos ; grande economia de enxofre e superior effeito no tratamento contra o oidio, visto que as cepas tratadas com esta calda, depois de fortemente atacadas, apresentam em novembro seguinte o varedo mais limpo, com a quasi totalidade da folha e esta ainda muito lisa e verde e por fim varas perfeitamente atempadas. E tudo isto em grau bem superior ao obtido em pés da mesma casta, interpostos, quando tratados com enxofre simples ou misturado com cal, mas em pó.

Consultorio de economia agricola

I - Como nos poderiamos ir preparando para o depois da guerra.

II - O "remembrement", e a pulverisação no Minho Verde.

Umeu muito presado amigo, illustre minhoto, enviou-me ha dias uma carta que julgo sob muitos aspectos interessante mas, especialmente, por vir implicar com um problema de Economia Rural que muito conviria resolver e sobre o qual nada se fez no nosso paiz.

A carta em questão é a seguinte que a seguir transcrevo :

«Meu caro amigo :

«Sei-o um estudioso de questões sociaes e, mais precisamente, de questões economico-agricolas. Talvez V. pois, me possa explicar a mim e a outros em identicas condições, a razão por que eu, e a maioria dos mente as suas propriedades—estamos muito meus patricios—que administram directalongo de auferir os rendimentos fabulosos que o A. de um vient-de paraitre algo rumoroso e quicá aggressivo, apregõa publicamente.

«Ora, como V. sabe, nas minhas propriedades cultivã geralmente o milho. Possuo uma area total de 50 hectares embora divididos em 1.388 parcelas com uma area media de 360 metros quadrados e com algumas com um minimo de 100 metros quadrados. Segundo o A. citado eu deveria auferir um rendimento liquido medio de 2.000\$000 réis. E comtudo estou bem longe de conseguir taes beneficios não obstante o preço actual do milho!»

«Com estes dados e com outros que V. porventura tenha colhido nas vezes que por

aqui tem vindo, poder-me-ha indicar a causa d'esta redução de rendimento e aconsellar-me o processo efficaz para obstar a tal estado de coisas?

«Creia que muito grato lhe ficaria porquanto a verdade é esta : a não se encontrar um meio de obstar a este mal-estar, não vejo bem como, mesmo no depois da guerra, com especialidade nos primeiros annos, se poderão collocar os nossos productos, para obter os quaes foi necessario servirmo-nos de uma mão-d'obra carissima, que nos ultimos tempos ainda será maior por causa da falta de braços que a nossa entrada na guerra nos trouxe como consequencia.»

«Disponha sempre do amigo certo,

Villa Verde, 8-V-16

(F.)

Como o assumpto é de palpitante actualidade resolvi responder publicamente a esta carta. A Ideia Nacional, proporcionou-me gentilmente, fóra de toda e qualquer preocupação politica e apenas como tecnico, occasião de o fazer, e eu, por isso mesmo, aqui lhe apresento os meus melhores agradecimentos.

—Ora como aquelle meu amigo diz, vê-se em embaraços para conseguir das suas propriedades um rendimento bem menor do acceto pelo A. da publicação que cita.

E tem mil vezes razão. O A. na avaliação do rendimento liquido produzido pelo milho esqueceu, entre outros, um factor que muito concorre para a diminuição do rendimento liquido da propriedade no ridente Minho. E isto parece tanto mais incrível, quanto no que parece o A.—que não conheço pessoalmente—parece ser além de instruido sufficientemente intelligente. O A. não devia, de facto, esquecer nos seus calculos a redução proveniente dos inconvenientes da propriedade estar muito dividida no Minho. Deveria, por outro lado, não esquecer que nem todos os minhotos trazem as rpropriedades arrendadas, pois ao contrario ainda ha muitos, como o meu consulente que as

administram directamente. Não tendo esquecido estes factores, qual d'elles o mais grave, o A. citado não chegaria já ao rendimento que cita porque os inconvenientes devidos por exemplo á pulverisação da propriedade, como elle mesmo sabe, são tão graves que reduzem por vezes os rendimentos de 40,5 % e mais.

Tem pois mil vezes razão o meu amigo quando diz que nem actualmente que os productos subiram a um preço elevadissimo, consegue auferir o rendimento acceto como bom pelo A.

Quanto ao processo para obstar a este estado que lamenta o meu consulente dir-lhe-hei o unico que vejo com viabilidade : o remembrement. Dir-lhe-hei em poucas palavras no que consiste :

Supponha o meu amigo que o governo empregava os depositos das caixas postaes e permittia que as Caixas de Credito Agricola Mutuo fizessem o mesmo, na criação de um fundo especial que poria á ordem de commissões encarregadas do seguinte : levantamento topographico das freguezias que no Minho se encontrassem com a propriedades mais divididas ; que em seguida, comprariam a preço de favor todas as propriedades para depois as dividirem em tantos casaes—no possivel—quantos os anteriores proprietarios, e com area proporcional á que anteriormente possuiam.

O meu amigo está vendo as vantagens : a area augmentada, pois que desde que se juntassem as propriedades em um unico casal, não seriam necessarios tantos caminhos ricinaes nem tantos muros divisorios ; desde que a area das propriedades fosse augmentada já as machinas, na maioria dos casos se poderiam empregar e consequentemente barateriam a mão d'obra ; dar-se-hia a valorisação da propriedade e por consequencia o proprio Estado receberia maiores porventos visto que as contribuições incidiriam justamente então sobre maior rendimento da propriedade ; por outro lado ainda o Estado e as Caixas nada perderiam porquanto as propriedades compradas a contante sendo vendidas novamente aos antigos proprietarios, fazendo o pagamento por

meio de annuidades nas quaes iria, é claro, comprehendido o juro do capital, teriam os seus interesses salvaguardados.

Haveria unicamente uma despesa que o Estado faria e de que directamente não era reembolsado : a das commissões. Mas não compensaria esse sacrificio o augmento justo da contribuição ? E' evidente, e o proprio A. do livro citado se encarrega de o provar com uns dados que a proposito da Allemanha, extrahiu de uma publicação franceza.

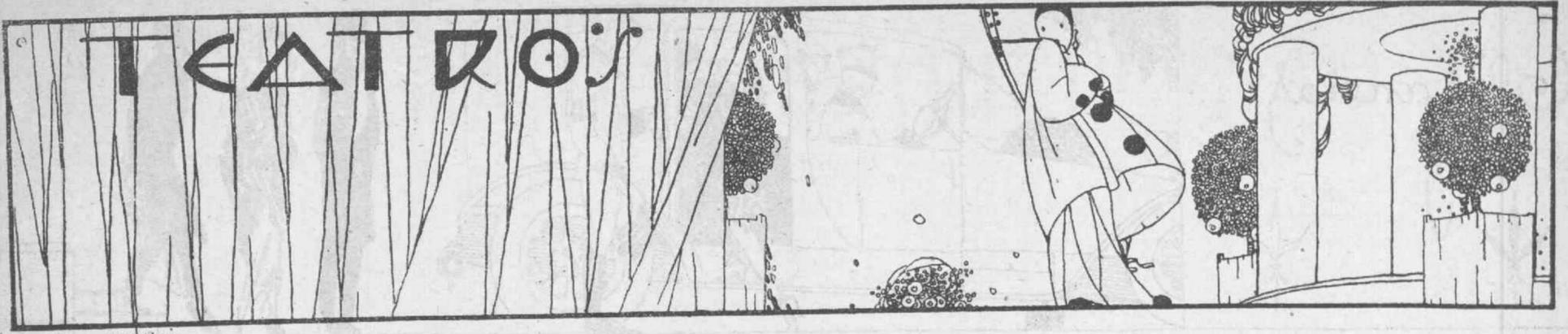
«A valorisação da propriedade chega a atingir enormes proporções, (devido ao remembrement), como se vae ver :

«Hanovre : Em Gilersheim, de 30 a 50 % ; em Rosdorf e Geismar, 50 a 75 % . Westphalia : em Holzhausen, 25 % ; em Strickherdicke, 50 % n'um unico anno ; em Essento, 7 a 8 % ; em Herstelle dobraram os rendimentos do trigo e da batata. Saxe : por effeito das operações do remembrement (reunião de parcelas, parcelamento melhor) effectuadas desde 1884 a 1887, os rendimentos augmentaram em media de 25 a 30 % ; Hesse-Nassau : o rendimento augmentou de 33 %, etc., etc.»

Ora a despesa media com o parcelamento na Austria, que d'ella são os unicos dados referentes á despesa, que actualmente possuo, foi a seguinte :

Table with 2 columns: Surface area (ha) and Cost (coroas). Rows include 200 ha (26), 400 ha (23), 700 ha (20), 1000 ha (16), 1500 ha (13), 2000 ha (11), 3000 ha (10).

Em boas condições topographicas a despesa é inferior de 20 % ; em más condições augmenta de 20 %. Como vê a despesa não é tão grande como pareceria á primeira vista e é certamente caso para tentar. E no estado de guerra nos prepararíamos para a paz.



O CORSARIO VERMELHO

DRAMA MARITIMO EM 2 ACTOS

POR

ANSELMO

ACTO PRIMEIRO

(A scena representa o tombadilho do navio do Corsario Vermelho)

SCENA I

O Corsario Vermelho e a Avó

CORSARIO VERMELHO—Sim, avó, sou o terror dos mares e minhas audazes abordagens deram-me fama em todo o mundo. Os jornaes pintam-me como uma fera que nunca dá quartel e a seus instinctos carneiros immola todas as suas infelizes victimas. Comtudo, minha avó, eu sempre me envergonhei dos meus actos de pirataria.

AVÓ DO CORSARIO VERMELHO—E é por isso mesmo que te chamam o Corsario Vermelho, pois em todas as audazes abordagens as tuas infelizes victimas te vêem surgir, de acha levantada, vermelho de vergonha, pelo acto que praticas.

CORSARIO VERMELHO—E que fadiga de vida! D'aqui a pouco tenho de decidir da sorte dos duzentos captivos que fiz na abordagem de hoje e que esperam lacrimosos as minhas duzentas sentenças. (Com um suspiro) Duzentas sentenças!...

AVÓ DO CORSARIO VERMELHO—Mas porque não das uma sentença para todos, ao mesmo tempo?

CORSARIO VERMELHO—Não posso. Diz a voz do povo, que é a voz de Deus, que cada cabeça, cada sentença. São duzentas cabeças, teem de ser duzentas sentenças.

AVÓ DO CORSARIO VERMELHO (entre dentes)—Estúpido!

CORSARIO VERMELHO (surprehendido)—O quê?!

AVÓ DO CORSARIO VERMELHO—Não faças caso. Estou hoje mal disposta. (Sorrindo tristemente) Estou com os meus azeites.

SCENA II

Os mesmos, rudes marinheiros

I.º RUDE MARINHEIRO — Corsario Vermelho, tremendo temporal se desencadeia sobre nós. As ondas revoltas assaltam furiosamente o navio... Estamos perdidos.

CORSARIO VERMELHO — Embrenhado em grave controversia com a minha avó, não dera pela tempestade! Que vagas furiosas!... Como prehenchêl-as?

AVÓ DO CORSARIO VERMELHO (entre dentes)—Estúpido!

CORSARIO VERMELHO (surprehendido) — Outra vez, avó?

AVÓ DO CORSARIO VERMELHO—Não é nada... Já te disse que estou hoje com os meus azeites.

CORSARIO VERMELHO — Céus!... Que ideia!... (Agarra na avó e deita-a ao mar).

RUDES MARINHEIROS (em côro) — Milagre!... Milagre!... O mar, como por encanto, serena subitamente... Estamos salvos!... Milagre! Milagre!

CORSARIO VERMELHO (com amargura) — Ignorantes! Não sabem que o azeite applica a furia das ondas! (Pensativo) Pobre avó... se não estivesse hoje com os seus azeites, não teria salvo o seu neto dilecto!

(CAE O PANNO)

ACTO SEGUNDO

(Mesmo scenario)

SCENA I

Corsario Vermelho, Carrasco bondoso, rudes marinheiros

CORSARIO VERMELHO — Carrasco bondoso, terminaste a tua sinistra missão?

CARRASCO BONDOSO—Ainda não, Corsario Vermelho.

CORSARIO VERMELHO — A tua proverbial bondade faz-te demorar demasiado a execução das minhas sentenças!

CARRASCO BONDOSO — Que quer, Corsario Vermelho!... Não está mais na minha mão! Não posso resolver-me a dar de um só golpe a morte a um condemnado. Dou-lhe sempre primeiro uns poucos de golpes, e quando elle já está costumado, dou-lhe então o golpe de morte. Quasi que o não sente!

CORSARIO VERMELHO—Quantas execuções faltam hoje?

CARRASCO BONDOSO—Falta só meia.

CORSARIO VERMELHO—Meia execução?!...

CARRASCO BONDOSO—Sim... E' a de uma formosa donzella já meia morta de medo. Só falta matar-lhe o resto.

CORSARIO VERMELHO—Vae terminar a tua sangrenta tarefa, Carrasco Bondoso, vae...

SCENA II

Os mesmos, menos Carrasco bondoso

CORSARIO VERMELHO—Caio em profundo meditar, e por largo tempo recordo os annos da minha infamia! (Medita largo tempo) Affasto do meu espirito saudosas recordações e chamo os meus rudes marinheiros para que me alegrem com suas plangentes balladas... Rudes marinheiros... cantae!...

RUDES MARINHEIROS—Sim, Corsario Vermelho: (Cantae):

Nas tristes aguas além
Vejo barcos navegando!
Tristes aguas, tristes barcos,
Que meus olhos vão buscando.

RUDES MARINHEIROS (em côro):

Agua vem, agua vae.
Ninguem sabe onde ella cae.

CORSARIO VERMELHO—Cessae vossos cantos, rudes marinheiros, que ouço os sinos de bordo dobrando a finados... Quem mandou tocar tão triste dobré?

SCENA III

Os mesmos e Carrasco bondoso

CARRASCO BONDOSO (vestido de luto e com lagrimas na voz)—Corsario Vermelho, um infausto successo acaba de me impedir de executar a formosa donzella.

CORSARIO VERMELHO—Que dizes, Carrasco bondoso?

CARRASCO BONDOSO—O doloroso acontecimento deu-se quando nada fazia prever o fatal desenlace. Erguia a espada flammejante quando a martir erguendo os braços me disse com voz embargada pela commoção: Com tua espada flammejante matas d'um só golpe, miseravel Carrasco bondoso, dez vidas! Surprehendido suspendi meu braço e perguntei: Como assim, formosa donzella e infeliz captiva? E ella replicou: Sou mãe de nove filhas, quasi todas de mama e tanto me amam as frageis creancinhas que todas morrerão de desgosto ao saber da minha morte. Passou-me pelo espirito o quadro terrivel da morte de tanta creancinha junta... Foi então que se deu o fallecimento que me fez vestir este luto e mandar dobrar a finados.

CORSARIO VERMELHO—Mas quem te falleceu?

CARRASCO BONDOSO (limpando uma lagrima)—Falleceu-me o animo...

CORSARIO VERMELHO (apertando-lhe a mão)—Os meus sentidos pezames, Carrasco bondoso. Crê que sinto...

CORSARIO VERMELHO—Mas quem te falleceu?

CARRASCO BONDOSO (limpando uma lagrima)—Falleceu-me o animo...

CORSARIO VERMELHO (apertando-lhe a mão)—Os meus sentidos pezames, Carrasco bondoso. Crê que sinto...

(CAE O PANNO)

CHRONICA

POR

DOM JOSÉ PAULO DA CAMARA

AVENIDA—O Gaiato de Lisboa—
Canções Portuguezas

Quando eu era pequenino e loiro (desculpem-me V. Ex.^{as} esta innocente mania que eu tenho de que fui loiro) gostava tanto, tanto do theatro, que nunca assistia com prazer ao ultimo acto de qualquer peça, só porque depois não se lhe seguia outro.

Quando o panno cahia para não mais se levantar, tinha um desgosto como... como fosse uma pessoa de familia que cahisse.

Depois, com a chegada inevitavel dos annos ou com a partida para o outro mundo dos nossos bons artistas, deixei de ter aquella dolorosa impressão, que se transformou até n'uma grande ansiedade por ver chegar o fim das raras peças em que vale a pena a gente demorar-se até essa altura.

E eis porque me commove poder hoje de-feira, assistindo ao magnifico espectáculo do Avenida, me senti adoravelmente loiro e deliciosamente pequenino.

E' que tornei a ver os artistas e a apreciar o seu trabalho como outr'ora quando, sem os conhecer de nome e tomando a sério o que elles faziam, eu não dizia como hoje: —Que naturalidade, a do Chaby!

—A Cremilde é, sem duvida, uma das mais graciosas e interessantes artistas de operetta!

—Não ha ninguem que me faça rir como o Alegrim!

Mas vi-os como nos bons tempos em que eu exclamava, maravilhado:

—Que bonita que é a Princeza!

Nunca mais me esqueço d'ella!

—Aquillo é que o soldado tinha graça, apesar de ser tão estúpido!

—Faz tanta pena o Regente, tão bom, tão leal!

Bons tempos! Bons tempos... que se repetiram por uma noite.

Com effeito, n'aquelle Gaiato de Lisboa, quando elle pula e brinca com a avó, quando faz rir a propria irmã, que a vergonha afflige, quando imita a banda de musica que passa, ou quando joga o pião, ou arremeda o general ou mostra o seu grande coração e o seu character e brio sem igual, fazendo-nos rir e chorar ao mesmo tempo, agora teno, logo endiabrado, falando a sério para immediatamente se sahir com uma autentica garotice, e sempre bom, sempre justo, sempre corajoso e digno, n'esse gaiato pequeno de corpo mas enorme de alma, nem eu nem ninguem vê a Adelina Abranches, porque, durante duas curtas e deliciosas horas, todos nos convencemos de que aquelle diabolico palmo de gente existe como qual-quer de nós, que tem uma avó que lhe quer ralar e não pode, que adora uma irmã que o filho de um general enganou e que vae a casa d'esse general e o obriga a realisar um casamento com que aliás todos ficam satisfeitos.

Não! Não é a Adelina que faz o Gaiato de Lisboa. E' elle, o proprio gaiato.

De resto, isto pouco me admira, porque sempre acreditei em milagres e vejo-me apenas em frente de mais um, pois para mim é ponto de fé que Deus um dia disse com os seus divinos botões:

—Ora deixa-me mostrar mais uma vez que o meu poder é infinito. Vou dar á Adelina Abranches a facultade de se poder transformar n'aquillo que ella quizer.

E ora aqui teem como ella foi hontem a Rosa Engeitada, para logo em seguida nos maravilhar na Ressurreição, passando logo a ser a Marianna do Amor de Perdição, a inimitavel avósinha da Bella Aventura, a Narcisa dos Velhos, o Gaiato de Lisboa, eu sei lá! mil e uma creações, cada uma com a sua vida, com o seu character, com a sua alma!

Uma artista assim só se comprehende... por milagre. Nós é que, para não envaidecermos muito Deus Nosso Senhor, inventámos o epitheto de genio.

Quando ainda na sala não se haviam apagado os murmúrios de admiração pelo talento inegualavel de Adelina, subia o panno para a ultima parte do espectáculo: Canções Portuguezas, por Aura e Alfredo Abranches.

De modo algum era possivel completar o programma de maneira mais agradável e que tanto pudesse sensibilisar um publico que, depois do Gaiato de Lisboa, não perdoaria lhe offerecessem um numero capaz de lhe destruir uma das mais puras e mais

delicadas sensações de arte como a que vinha de receber.

As canções portuguezas enchem uma curta e deliciosa meia hora, em que os applausos se devidem pelos dois irmãos, como justo, embora pequeno galhardão, d'aquelles minutos de prazer espiritual.

A linda voz de Aura parece ter sido inventada para as canções da nossa terra, onde, a par da suavidade terna de amores e de saudades, que n'ella sempre existe, ha muitas vezes uma ingenua e graciosa malicia que a gentil actriz sabe fazer realçar como ninguem.

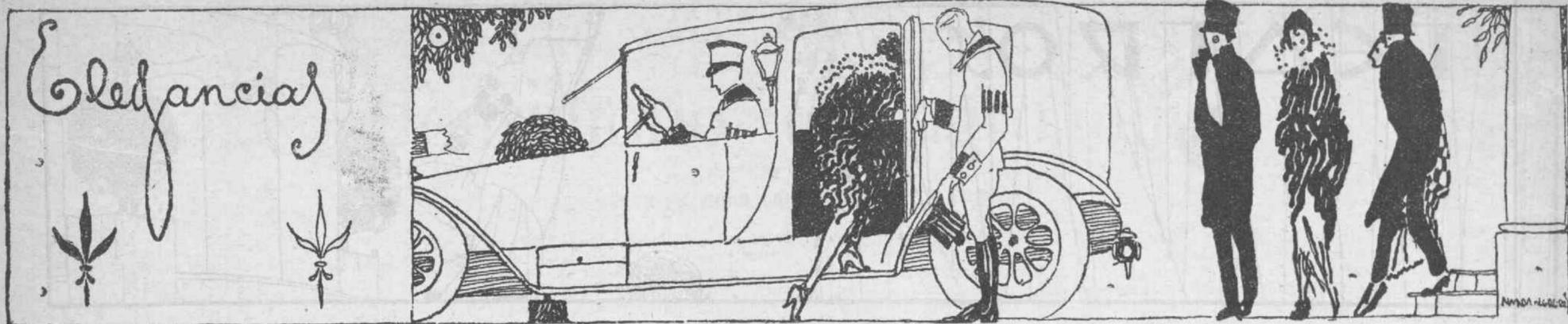
Alfredo Abranches, em quem mal desponsa ainda o buço dos vinte annos, é já hoje indispensavel onde quer que se exija, além de um bom humor e uma alegria inexgotaveis, a correcção e a delicadeza de um artista educado. Os applausos com que Alfredo Abranches foi recebido não lhe devem deixar duvidas sobre a opinião, a seu respeito, do escolhido publico que enchia a sala do Avenida.

EX-PRINCIPE REAL — Nabos da Pucara (revista).

Leia-se em todos os jornaes as criticas das outras revistas.

Em resumo, são sempre o mesmo: Obra má, musica boa, desempenho regular, linguagem fresca, o publico não gostou e... vae ás duzentas.

Ainda bem para os auctores!



Elegancia

CHRONICA DA MODA

Existem cantinhos encantadores, banhos pelo mar, retiros privilegiados em que vamos seja de inverno ou de verão, procurar o repouso das fadigas causadas pela vida movimentada da grande cidade. Os eucalyptos e os pinheiros exalam ali os seus perfumes, eflúvios preciosos da sua essencia, sob os raios do sol ardente e, quando o astro rei declina, envolve-os n'esses tons de sonho inspiração de poetas, tentação de pintores.

Para este genero de vilegiaturas em que buscamos principalmente o repouso e a tranquillidade, torna-se necessaria uma *tenue* simples que se harmonise com o quadro que a rodeia.

Em caso de necessidade utilizam-se os *tailleurs* já um pouco fóra de moda, ou os fatos de caça que n'esta quadra do anno já não ha occasião de usar. O unico luxo admittido é a blusa, pois que um pouco de coquetismo é sempre indispensavel.

A batiste e o organdi fornecem-nos material precioso. Com esses dois tecidos de uma frescura deliciosa, de uma leveza verdadeiramente etheria realizaremos maravilhas de arte e de elegancia.

Os lindos coloridos : côr de limão, de morango, tilia, azul, combinam-se perfeitamente com uma saia mais escura.

Mas como se deve contar com as mudanças de temperatura, muito frequentes n'esses logares, onde por volta das cinco horas se levanta quasi sempre uma brisa bastante fresca que muitas vezes é causa de resfriamentos, nada me parece melhor indicado do que o vestido de jersey actualmente muito em moda em Paris, apesar do seu aspecto um pouco negligé.

Esta fazenda quente e leve ao mesmo tempo, é ideal para a beira mar e para as montanhas. Vê-se já em todas as praias, e será, creio eu, o grande successo da estação. Fazem-se com isto vestidos adoraveis, que tendem a substituir o famoso *soveater* demasiado banal na verdade, e os coloridos *exquis* que se vêem destacam-se maravilhosamente entre o ceu e o mar. São elles o côr de laranja, o verde campina, o azul pavão, e o côr de cereja. Se os tons ridentes não forem do nosso agrado, não teremos senão o embaraço da escolha em uma gamma de tons mais neutros. Vi alguns em cinzentos, castanhos, e azul marino que eram realmente muito bonitos, tendo além d'isso a vantagem de ir muito bem á cara.

Usa-se muito o *tailleur*, mas quer-me, porém, parecer que este anno será dada a preferencia ao vestido com blusa á marinheiro, e que se veste pela cabeça. Esta especie de

vestuario oferece um caracter muito sportivo, que muito bem se liga com o uso que d'elle queremos fazer.

Para as praias escolhe-se de preferencia o jersey branco, e que se guarnece com jersey de côr.

Mas o que realment é mais chic como guarnição para este genero de vestidos, é a trança de seda, a que só acho o inconveniente de se tornar demasiado cara.

Se entre algumas das minhas leitoras houver o receio de que o jersey as engrosse, essas que escolham então a alpaca, muito em moda n'esta occasião, não a que ee usou em outros tempos dura e espetada, mas macia, assétinada e maleavel como se faz hoje.

E' certo que para os dias de calor a alpaca se torna muito mais pratica, e de uso muitissimo mais agradavel. Estes vestidos fazem-se em geral de uma peça só; enfeitados com setim, e principalmente com galões encerados que teem absolutamente o aspecto de cabedal. Tambem vi este anno alguns guarnecidos com ruches de taffeté desfiada e que eram de um lindo effeito.

GRISOLIDIS

SOL DE PORTUGAL

Lá vão! Lá vão!

Cardumes á pópa, cardumes á prôa, subidos aos mastros e pela amurada! Veiu o sol, tambem, á despedida, um sol novo por ser velho, sol de sonho, sol de Heroes, sol-tradicional.

O sol de Mousinho foi o sol de Vasco da Gama! Sentia-se a gente recuar quatrocentos annos e não sabia o que era. E era o sol, sol das naus, sol da Ribeira, sol da Raça!

Victoria! Victoria! Lá vão na mesma apothose vermelha, batidos de luz e glorias, as aguas illuminadas, os montes verdes e serenos como os olhos das mães que não querem chorar. Lá vão! Lá vão!

Agitam-se os lenços e agitam-se as almas! A pouco e pouco vae alargando o rio entre o navio e o caes. Já avança, agora, apontando a prôa á barra azul do Tejo.

Adeus! Adeus! E os corações apertam-se n'um desejo : —Até á volta!

Mal se distinguem já e todos parecem agora o mesmo.

—Onde está o meu filho? —E' qualquer, responde outra mãe. São todos nossos filhos!

E o sol que os não larga! Faisca em violentas chapadas, sol das nossas eiras!, que a gente para os ver pisca-pisca como quando fita a hostia consagrada.

Lá vão! Deus os proteja e lhes dê dias tão

gloriosos como é glorioso o dia em que de aqui os leva!

Oh! Sol das Descobertas, ide com elles!

Ouvem-se as notas vibrantes de um hymno. Veem de bordo, agitando os ares n'um clamor de entusiasmo! Mas mal se distingue o que cantam.

Que hymno será? Que importa! Cada qual ouve o seu, que a harmonia dos sons perde-se agora na harmonia das almas. E' o hymno da victoria!

Passa um calafrio na multidão. O sol reluz nos clarins, scintilla nas espadas, rebrilha nos dourados, e atravessando as aguas, n'um arripio de incendio, vem apagar n'um beijo uma furtiva lagrima.

Lá vão! Lá vão! No caes comprime-se agora a gente na ancia de os ver. A flotilha que os acompanhava, vae ficando para traz, na esteira luminosa do grande barco. Só o sol os não deixa, que nunca deixa os heroes!

E então ouvem risos e trinados. São as noivas e as irmãs a suffocar o pranto.

Os homens, torcendo os bigodes, são os primeiros a dar o signal da retirada :

— Bem! Cá nos reuniremos outra vez! Não podemos ficar aqui á espera d'elles.

Mas alguns não virão! Para quê? Então, n'uma commovida solidariedade, conhecendo-se ha momentos, aproveitam a confusão da retirada, para se apertarem ás escondidas as mãos uns aos outros.

—Coragem! Vá... Deus está em toda a parte!

E enlaçam as filhas, ajudam as mulheres, riem para os pequenos, a dar a todos a coragem que d'elles lhes vem.

Só as mães não riem. Muito serias, muito calladas, vão muito attentas ao caminho como se só elle as preocupasse. Não riem, mas só ellas encontram em si proprias o animo necessario. E' que souberam entregar os seus filhos a quem tudo póde e tudo alcança.

Mães, sol da nossa vida! Os seus cabelos brancos, onde o derradeiro beijo enternecido deixou o ultimo floco de neve, são farrapos de nuvens no ceu azul da esperança que brilha em seus olhares. Signal de bom tempo!

O caes vae-se esvaziando. Lá ao longe, no incendio das aguas ensoladas, some-se pequenino o enorme transporte.

De repente, abalam-se os ares com o troar do canhão, alegre, altivo, victorioso. Passa uma chama de orgulho em cada olhar! São os fortes das barras, que por cá ficam vigilantes, que os saudam e os animam :

—Vão!... Vão!... Vão!

E os echos da Patria, n'uma ancia febril de alegria e de coragem, vão de quebrada em quebrada, de serra em serra, de herdade em herdade, relatando as ultimas saudações da terra portugueza.

E os canhões trôam :

—Vão!... Vão!... Vão!...

E os echos reboam pelas aldeias, pelas vilas, pelas cidades, n'um hymno de gloria e de confiança :

—Os vossos filhos virão!

—Os noivos voltarão!

Os vossos paes chegarão!

Abrem-se os oratorios, os velhos priores, nas capellinhas rezam por elles e á noite, pelos atalhos, esvoaçarão figuras brancas que são os anjos da guarda a levar a Deus as preces das raparigas.

Lá vão! Lá vão!

Pelas ruas da cidade ha agora uma animação desusada. No ar quente da tarde ha uma vaga respiração de incenso e de perfumes. Dir-se-hia que passou ha pouco uma procissão ou que vae passar um cortejo real.

Sente-se o ruído das esporas, o retinir das espadas. Pelas ruas ha areia encarnada. Passam damas formosas e tristes nas suas bellas equipagens. E as mulheres do povo saudam-nas com carinho.

Parece que partiram algumas caravellas em busca de novos mundos, á cata de outras glorias! Surgem cavalleiros garbosos nas suas fardas reluzentes. O sol é quente e glorioso. Recordam-se os grandes feitos! Ha um fremito de orgulho e de entusiasmo. Dir-se-hia que vae passar El-Rei Nosso Senhor!

E elles lá vão, lá vão!

Na transparencia fina do cahir da tarde ha estremecimentos de amor, de esperança e de ternura!

O' sol de Portugal! Não fujas. Espera por elles!

PEPE

CONSULTORIO DO AMOR

Pergunta-me uma senhora como é que sendo-se solteiro se pode ser viuvo. E' que a viuvez, minha senhora, não é tão incompativel com o celibato como a principio parece. Ha quem traga consigo a viuvez de um sentimento. Ha almas viuvias que, olhando a vida atravez dos crepes, a avistam sem brilho, sem côr. E essa viuvez oc-



Vestido e casaco em bordado inglez, para creança de um anno. Enviam-se os riscos a quem os desejar mediante a importancia de 300 réis para cada uma das peças, ou 500 réis para as duas, que deve acompanhar o pedido.

culta-se muito, muito no fundo do nosso coração, e soluça sobre as suas illusões mortas, abraça-se com ellas na esperança de lhes transmittir calor, de as animar, de chamal-as á vida... Ninguem sabe, ninguem vê...

Tudo isso se passa muito no intimo, como em quarto fechado e inacessivel aos que vão pela rua...

Dirá V. Ex.^a que o caso se não dá commigo, que sou a Boa-disposição de fato cinzento e chapéu de côco... Pois dá, sim senhora! Apenas o que acontece é que, tenho a viuvez alegre!

JOÃO SEMANA.

UM NOVO INQUERITO

Encerramos hoje o nosso *Inquerito sobre a idade do amor*, agradecendo ás gentis leitoras a amabilidade das suas respostas. E como o assumpto «Amor» é afinal de maximo interesse para todos, e é de toda a conveniencia que sobre elle se faça a maior luz possivel, ocorre-nos hoje outro problema de não menos interesse que o primeiro: Qual é a maior prova de amor que se pode dar a alguem?

Gostavamos de sobre este assumpto ouvir a opinião das leitoras da *Ideia Nacional*.

Como no precedente inquerito serão aqui publicadas todas as respostas que tiverem a amabilidade de nos enviar.

Apesar da pergunta ser dirigida em especial ás senhoras, acho que não fica mal a um homem responder-lhe, por isso abro a série das respostas com a minha: a maior prova de amor que alguem me pode dar, é olhar-me cinco minutos a seguir. Se o amor resiste, está á prova de tudo!...

(Porque—digo-o entre parenthesis para ficar mais em segredo,—sou feio como as aranhas!)

J. S.



EM CASCAES—Festa elegante promovida pelo sr. Ministro da America

A FILHA DE MESTRE FERNÃO

(Novella historica)

POR

MARIA PAULA DE AZEVEDO

CAPITULO II

Planos

Na manhã seguinte, nem tangiam os sinos para a missa das almas quando mestre Fernão se levantou.

Todos dormiam ainda, o socego era completo.

Fernão vestiu-se e sahio.

— Olá, mestre Fernão — disse-lhe uma velha embucada que se dirigia para a igreja da Conceição — quão cedo vos mettestes ao frio da rua! — accrescentou com malícia cheia de curiosidade.

— Pois assim é, tia Bernarda — retorquiu o algibébe — e a vós direi eu eguaes palavras!

— Ora eu cá, vou-me chegando á casa do Senhor, que é o meu abrigo mais querido — respondeu a tia Bernarda — mas julgo que me não acompanhaes...

— Pois eis o vosso engano, tiasinha, que para a Conceição me dirijo, a ouvir a missa das almas: é promessa — e com isto mestre Fernão caminhou ao lado da velha.

Entraram na igreja e opuco depois começou a missa.

O algibébe queria escapar á observação da velha; mas era quasi impossivel, pois a tia Bernarda collocára-se perto da porta, e para sahir teria Fernão de passar deante d'ella.

Se sabisse antes do fim, a tia Bernarda não deixaria de perceber que a entrada na Conceição era pretexto para a desnortear.

Ficou então até depois do ultimo Evangelho.

Mas apenas o padre desceu do altar, o algibébe sahio depressa e conseguiu virar a esquina da rua antes que a tia Bernarda o enxergasse.

— Julguei que o démo da beata já me não largava mais — resmungou elle de si para si, afastando-se a passos rapidos para os lados de Alfama.

Parou deante d'um palacio antigo e levantou a pesada aldraba que bateu com força na chapa de ferro forjado.

Depois d'um bocado, um velho escudeiro, ainda a enfiar as mangas do casaco, entreabriu a porta e perguntou, desconfiado:

— Que quereis a estas horas, mestre Fernão?

— E' coisa séria, sr. Diniz; tenho de falar a vosso amo.

— Estaes brincando. Meus amos estão recolhidos ainda e não irei chamal-os por vosso causa.

— Ide, sr. Diniz, ide, que não vos arrependereis; mister que eu fale já ao sr. D. Alvaro.

— Asseguraes-me que é caso para ir acordar meu amo? — perguntou Diniz, ainda desconfiado.

— Ide, ide — pediu Fernão; e o escudeiro desapareceu depois de mandar entrar o algibébe, e de fechar cuidadosamente a velha porta chapeada de ferro.

D'ahi a uns minutos, Diniz veiu buscal-o e levou-o para uma sala, mobilada com ricos moveis da epoca.

— Senhor D. Alvaro — disse Fernão, correndo quasi ao encontro d'um homem alto, de farta barba preta, que entrava pelo lado opposto.

— Que me queres tão de madrugada, Fernão? — perguntou D. Alvaro, entre preocupado e aborrecido. — Sabes que vieste acordar também a tua comadre?

— Vossas Senhorias me desculparão, quando eu explicar a que vim.

— Sr. D. Alvaro, dizei-me: não se chama D. José d'Abreu o homem que está caçando com vosso filho D. Duarte, nas serras de Monte-mór?

— E que t'importa o nome do amigo de meu filho? — perguntou, zangado, D. Alvaro.

— Sr. D. Alvaro — disse o algibébe com força — esse homem a quem entregaes vosso filho, a quem destes a vossa confiança é...

— E' um fidalgo portuguez, ainda primo dos meus primos do Algarve, mestre Fernão — interrompeu D. Alvaro severamente.

— Assim o julgaes, meu senhor; assim o não é, porém, podeis crer-me.

D. José de Abreu não é portuguez sequer: é um espião ao serviço de Miguel de Vasconcellos.

— Que dizes!! — exclamou D. Alvaro, indignado e afflicto. — Sabes que elle é um dos que nos acompanha nas reuniões...

— Sei, meu senhor; e por isso aqui vim.

— Não é esta noite que vosso filho vem com elle de Monte-mór?

— E', sim; e devemos ir todos a uma importante reunião dos nossos.

— E', pois, mister impedir esse traidor de ir também.

— Felizmente só fui a duas reuniões e n'essas nada se fixou ainda; nem sequer os nomes dos conjurados.

Louvido seja Deus! E' preciso agora achar um meio de o impedir de ir hoje; sem que, porém, elle desconfie.

— Não podereis dizer-me, meu senhor, se elle tem alguma namorada que pudesse escrever-lhe a chamal-o?

— Namorada, não sei; só sei que o biltre ousou levantar os olhos para a minha Ignez! e que eu...

— Vós lh'a promettestes talvez?

— Isso mesmo, Fernão!

Julgando prometter a minha filha ao fidalgo dos Algarves, ao senhor da casa de Alfins, ao primo dos meus primos Abreus, ia dal-a ao espião de Miguel de Vasconcellos!

Graças, meu Deus, que tamanha desventura me fosse poupada!

— Não ha nada perdido, sr. D. Alvaro.

E' mister, porém, que vossa filha escreva umas palavras a esse homem...

— Nunca! — bradou D. Alvaro.

— Pela Patria, meu senhor! Pensae só na gravidade d'estes factos e na maneira de poder evital-os...

— Mas que se prenda esse biltre! Que o agarrem, que o amarrem solidamente...

— Quereis, pois, que se agglomerem povo? Que acordem os quadrilheiros aos gritos do miseravel? Que se levante o véu que ainda, tão milagrosamente, encobre dos hespanhoes as reuniões dos conjurados?

— Não, sr. D. Alvaro, não é esse o caminho a seguir.

Tenho pensado muito desde hontem, crêde-me, e julgo que o meu plano não é mau; ouvi, pois, meu senhor:

Vossa filha deverá escrever umas linhas a esse homem; apenas para que elle lhe reconheça a letra.

— E quem levará o bilhete? Metteremos mais algum n'este segredo? Vós sois tão conhecido, Fernão...

— Minha filha Brianda, meu senhor, que com os seus 16 annos passa despercebida por toda a parte; ella levará o bilhete.

— Quanto a discreção, confio n'ella também; mas como conhecerá tua filha o homem, visto que entrará embuçado?

— Chegar-se-ha ao pé de cada um perguntando baixinho: «Sois vós D. José de Abreu?»

— E se elle desconfia?

— A letra de vossa filha lhe restituirá a confiança.

— E para onde o conduzirá Brianda?

— Para minha casa, onde saberei guardal-o bem até de madrugada.

— E depois...

— E depois?... Será o que Deus quizer, meu senhor.

— O teu plano é bom, Fernão; Ignez escreverá, pois, umas linhas a esse homem infame.

— E', porém, mister que lhe não digaes ainda quem é o falso D. José. Dizei-lhe apenas que seu noivo corre perigo de vida, e olhae que bem verdade falareis!

— Se esse bilhete deverá ser levado á noitinha, perto da hora em que se reúnem os conjurados, nada lhe digo por enquanto, pobre Ignez...

Em que mortal inquietação ella passaria o dia se tal lhe dissésse agora!

— E' certo, meu senhor. E quereria talvez saber a origem d'essas novas e maiores minucias que vossa mercê não poderá dizer-lhe sem a esclarecer completamente sobre a torpe creatura.

Que o bilhete seja, pois, escripto á noitinha, meu senhor.

Brianda vem hoje costurar junto á minha comadre: vós proporeis, como ideia de momento, que seja ella a portadora do bilhete de vossa filha.

— Fernão, minha mulher deverá saber tudo o que se passa; vou não só informal-a como pedir o seu bom conselho.

— Meu senhor, fazei excepção d'esta vez; lembrae-vos que um coração de mãe não terá forças para enganar a sua filha innocente.

— E' a primeira vez que escondo os meus actos e pensamentos de minha esposa; agoiro mal do meu proceder.

— Fazei-o para bem d'este empreendimento, sr. D. Alvaro; a Senhora D. Philippa será depois a primeira a perdoar-vos tamanha falta, crêde-me.

— A que vaes agora?

— Volto para o meu trabalho, para que Malfada nada perceba.

— E ninguem te encontrou na rua?

— Por mal dos meus peccados, uma beata nossa visinha; mas fui á missa das almas com ella, dizendo-lhe que era promessa.

— Está bem, Fernão, então vae-te com Deus.

O algibébe sahio depressa.

As ruas começavam agora a animar-se.

Surgiam as vendedeiras d'arroz e de chicharos, com grandes panellas á cabeça, cobertas de pannos branquissimos; outras, com ameixas cozidas, almoço muito querido do povo; ainda outras apregoando sardinhas sem sal, uma melopeia que echoava pelas estreitas ruas d'Alfama.

Quasi todas se dirigiam ao Rocio, onde era n'esse tempo o grande mercado de Lisboa.

Quando Fernão entrou em casa, viu a mulher meio acordada já, mas ainda na cama.

— Estás a pé, homem de Deus?! — perguntou a sr.^a Mafalda bocejando.

— Pois então? e fui ouvir a missinha das almas á Conceição!

— P'ra o que lheu deu hoje! — commentou a sr.^a Mafalda.

— Ah, julgaes que as promessas só vos são permittidas a vós? — exclamou Fernão. — Pois ha mais quem as faça e as saiba cumprir.

— Se é isso — resmungou a mulher — já aqui não está quem fallou.

O algibébe installára-se a trabalhar; e pouco depois entrou no quarto a gentil Brianda, mocinha morena e galante, com uma grande doçura nos olhos castanhos.

— Vossa benção, meu Pae — disse ella chegando-se a Fernão.

— Deus te salve, menina — foi a resposta carinhosa do pae, que se enlevava n'ella.

A sr.^a Mafalda arranjava o almoço, enquanto Brianda dava uma limpeza á casa, arrumando as cadeiras e os escabellos.

— Não é hoje o dia d'ires costurar para casa da tua madrinha, moça? — perguntou Fernão.

— E', sim, meu pae; mas a sr.^a D. Ignez disse-me que antes me queria lá amanhã, de modo que talvez vá hoje para casa das sr.^{as} Pintos...

— Não faças tal — declarou vivamente Fernão.

— Se tua madrinha te espera hoje, irás hoje.

— Mas a sr.^a D. Ignez...

— Já disse o que tinha a dizer; vaes para casa da tua madrinha costurar — replicou Fernão gravemente.

Brianda calou-se; e, depois do almoço, seguiu pelas ruas tortuosas até Alfama.

(Continúa)

CARNET DA SEMANA

Semana elegante

BOATOS... BOATOS...

Consta-nos que na vespera de Santo Antonio se realisará uma elegantissima festa ao ar livre, n'uma bella propriedade de um illustre africanista, nos arredores de Lisboa.

No proximo numero daremos mais alguns pormenores.

RECITA ELEGANTISSIMA

Está-se preparando uma elegantissima recita no antigo theatro D. Maria, para o fim do corrente mez, promovida pelos nossos collegas Carlos da Motta Marques e Carlos de Vasconcellos e Sá.

N'essa noite haverá um espectáculo sensacional seguindo-se um baile no salão nobre.

As pessoas que assistiram á recita do dia 25 d'abril, no Gymnasio, teem preferencia ao sseus logares, fazendo os respectivos pedidos para a rua Possollo, n.º 9, com a possível brevidade.

Esta recita deve revestir-se de um grande brillantismo.

BAILE DE SUBSCRIPÇÃO

Realisa-se no dia 29, no magnifico salão do Avenida Palace, um baile de subscrição promovido por uma commissão de meninas e rapazes da nossa primeira sociedade.

RECITAS DE CARIDADE

E' enorme o enthusiasmo que reina entre a nossa primeira sociedade pelas duas recitas por amadores que no antigo theatro de D. Maria II leva a effeito uma commissão composta das sr.^{as} D. Carlota Maria de Faria Campos, Condessa de Mossamedes e de Sabugosa e de Murça, D. Julieta Pereira de Sampaio Forjaz, D. Luiza de Almeida e Vasconcellos Cabral, D. Maria José de Almeida Vaz de Almada (Almada e Avranches), D. Maria José Machado Castello Branco (Figueira), Marquiza de Unhão e D. Sophia Burnay de Mello Breyner (Maffra).

Consta de duas peças escriptas expressa-

mente para esse fim com os titulos *A Romaria* e *Sarau dos românticos* e de quadros vivos, estylos Luiz XV e Imperio, entrando nos desempenhos algumas das principaes figuras da nossa aristocracia *vieille roche* e sociedade elegante.

Para a primeira recita já nenhum bilhete hontem restava por vender e para a segunda poucos havia, podendo ser requisitados a qualquer das senhoras da commissão ou então á sr.^a D. Magdalena Trigueiros de Martel Patricio e ao sr. conde da Figueira (Dom Luiz) que amavelmente se encarregaram da direcção artistica d'estas elegantes festas de caridade, sendo os ensaios dirigidos pelo notavel actor sr. Augusto de Mello.

Os preços para cada uma d'estas recitas são: Frizas, 10\$100; camarotes de 1.^a ordem, 15\$100; de 2.^a, 8\$100; de 3.^a, 4\$100; fauteuils (plateia toda uma), 2\$020; superior, 1\$020; varandas, 520.

«TEAS» ELEGANTES

Hoje, no Jardim Zoologico, o costumado

tea-concert em que se apresentarão os distinctos professores de dança Magalhães Pedrosa e esposa.

Quarta-feira.—Na Liga Naval Portugueza, o elegante tea-concert-bridge-dance.

ESPECTACULOS DA SEMANA

REPUBLICA, far-se-ha reprises das peças de maior successo.

NACIONAL, subirá á scena nos primeiros dias a peça historica *D. Pedro, o cruel*.

AVENIDA, de 25 a 28, *Conflicto de almas* e a *Fitinha Vermelha*; a 29, festa artistica de Adelina Abranches, com *A Rosa Engeitada*. Em 30 e 31, a *Rosa Engeitada*.

TRINDADE, continua a revista *O Dia de Juizo*. 1 de junho, premiere da operetta *Emfim, sós...*

GYMNASIO, de 25 a 31, ultimas recitas da companhia com *O pae do regimento*.

EDEN, hoje a revista *O 31*. 26, festa artistica de Carlos Leal com um quadro novo. 27 e 28, *O 31*. 29, recita do gerente da empreza, Motta de Carvalho. 30, 31 e 1 de junho, *O 31*.

APOLLO, a revista *Nabos da pucara*.

D. NUNO

INDICAÇÕES UTEIS

"LE CORRESPONDANT,"

TERÁ COMO AGENTE EM PORTUGAL "A IDEIA NACIONAL"

Os jornaes portugueses já se tem referido em diversas occasiões a esta notavel publicação que é actualmente a mais importante e a mais auctorizada Revista europeia e que sempre se interessou altamente pelas questões portuguezas, tendo publicado ultimamente um artigo sobre a intervenção de Portugal no conflicto das nações, que provocou em França, na Inglaterra, em Italia e em Hespanha o mais justificado interesse.

LE CORRESPONDANT é collaborado pelos mais celebres escriptores de todo o mundo. O noso Director, sr. Homem Christo Filho, que já ha annos vinha sendo solicitado para collaborar assiduamente no CORRESPONDANT e lá publicára varios artigos em 1912, 1913, 1914 e 1915 mas não pudera ainda aceitar o encargo d'uma collaboração permanente, apesar dos reiterados convites da Direcção por lh'o não permitirem os seus muitos compromissos litterarios, fechou finalmente contracto com a grande Revista francesa no principio d'este anno. LE CORRESPONDANT tem pois publicado e continuará publicando, nos dias 10 e 25 de cada mez, estudos sobre questões opticas, economicas, e litterarias estrangeiras e relativas especialmente a Portugal, Hespanha e paizes de lingua hespanhola ou portugueza, estudos de que é auctor o sr. Homem Christo Filho, embora nem sempre venham assignados.

LE CORRESPONDANT é a unica revista de França e Inglaterra cujo preço de assignatura para o estrangeiro não é augmentado. Assim, ao passo que a REVUE DES DEUX MONDES, por exemplo, custa 62 francos por anno em Portugal, LE CORRESPONDANT custa apenas 35 francos, o mesmo que em Paris, ou seja quasi metade da REVUE DES DEUX MONDES.

Todos os portuguezes que quizerem estar ao corrente do movimento intellectual contemporaneo, conhecer com profundeza as questões de ordem politica, economica, religiosa, social, financeira, diplomatica, que agitam a Europa devem assignar LE CORRESPONDANT.

Para isso basta dirigir um postal ao SECRETARIO GERAL D'A IDEIA NACIONAL, Rua da Emenda, 45, r/c. LISBOA, onde se dão todas as informações e se encontra á venda a grande Revista franceza.

LE CORRESPONDANT vende-se tambem na LIVRARIA FERREIRA, Rua Aurea, Lisboa.

L'ECLAIR

GRANDE JORNAL DIARIO DE PARIS
ABSOLUTAMENTE INDEPENDENTE

PUBLICA DIARIAMENTE UM ARTIGO DE HOMEM CHRISTO FILHO, SOBRE QUESTÕES DE POLITICA INTERNACIONAL, QUESTÕES DE ARTE, LITTERATURA E ECONOMIA; SEGUE COM ESPECIAL ATENÇÃO AS QUESTÕES RELATIVAS A PORTUGAL, HESPAÑHA E AOS VINTE E DOIS PAIZES AMERICANOS, DE RAÇA E LINGUA HESPAÑHOLA OU PORTUGUEZA, TENDO PARA ISSO CREADO EM 1914 UMA SECÇÃO DIARIA INTITULADA

America Latina, Hespanha, Portugal

CUJA DIRECÇÃO FOI CONFIADA AO SR. HOMEM CHRISTO, FILHO

AGENCIA EM

LISBOA

NA REDACÇÃO DA

IDEIA NACIONAL

RUA DA EMENDA, 45 R/C

ONDE SE RECEBEM ANNUNCIOS E PARA ONDE DEVEM SER DIRIGIDOS TODOS OS PEDIDOS DE ASSIGNATURAS * * *

L'ECLAIR

INDICAÇÕES UTEIS

RUY COELHO lecciona Harmonia, Contra ponto, Fuga, Instrumentação, Composição e Piano.

DIRIGIR CORRESPONDENCIA PARA

+ R. DA EMENDA, 45 1/2 +

LITOGRAPHIA MATTA

DE

ROSA & FERREIRA, LIMITADA

RUA DA MAGDALENA, 62 A 70

LISBOA

TELEPHONE 3623

Trabalhos a côres e em relevo pelos processos mais modernos

Esta officina, devido á sua magnifica montagem e á pessoal bastante habilitado, rivalisa com todas as suas congéneres.

REIS TORGAL

ADVOGADOS

RUA NOVA DO ALMADA 80.2º

OBJECTOS D'ARTE ANTIGOS E MODERNOS

MOBILIARIO

PORCELANAS
ESTATUETAS
JOIAS
QUADROS

MIRANDELLA

RUA SERPA PINTO, 6

LISBOA

BOLOS

CREMES

SÓ FICAM PERFEITOS EMPREGANDO A FARINHA

PASTEIS

PUDINGS

MAIZENA

DURYEA

NATIONAL STARCH COMPANY

NEW YORK U. S. A.

À VENDA EM TODAS AS BONS MERCEARIAS

Herbert Esteves & C.ª

REPARAÇÕES GARANTIDAS EM MAQUINAS DE ESCREVER, DE CALCULAR, CAIXAS REGISTRADORAS, ETC.

MAQUINAS RECONSTRUIDAS DE TODAS AS MARCAS

CAES DO SODRÉ, 10

TLF. 2309

MAISON PARISIENNE

262, RUA AUREA, 264

LISBONNE

GRANDE SORTIMENTO EM AMENDOAS NACIONAES E EXTRANJEIRAS * * * * *
CARTONAGENS E CORBEILLES * * * * *

DEJEUNERS ET DINERS

TELEPHONE CENTRAL 1477

Telegrammas (Iman)

Lima Netto, Moura & Comp.ª

CAMBIO PAPEIS DE CREDITO

Rua dos Retrozeiros, 100 a 106
esquina da Rua dos Sapateiros, 1 e 3

Telephone 3844

POUPÉE ARTISTIQUE

BONECOS INQUEBRAVEIS, RIVALISANDO COM OS DOS MELHORES FABRICANTES ESTRANGEIROS

E. B. GOMES

R. CORREIROS, 15, 2.º

LISBOA

JULIO MIRANDA

NOVIDADES PARA HOMEM

LISBOA

ROCIO, 16

MAISON BLANCHE

ROUPARIA BRANCA PARA SENHORA

TELEPHONE 735

?